

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CAMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA BILÍNGUE: LIBRAS/PORTUGUÊS

VITÓRIA PEREIRA DE SOUZA

LETRAMENTO LITERÁRIO INFANTIL: Uma Leitura da Obra **O Feijãozinho Surdo**,
de Liège Gemelli Kuchenbecker

APARECIDA DE GOIÂNIA
2025

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO
NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG**

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia – Especialização | ☐ Livro |
| ☒ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor: Vitória Pereira de Souza

Matrícula: 20211090080103

Título do Trabalho: **LETRAMENTO LITERÁRIO INFANTIL: Uma Leitura da Obra O Feijãozinho Surdo**, de Liège Gemelli Kuchenbecker

Autorização - Marque uma das opções

1. (x) Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
2. () Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____ (Embargo);
3. () Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:

- () O documento está sujeito a registro de patente.
- () O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS

() Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- i. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- ii. obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- iii. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Aparecida de Goiânia, 04 de abril de 2025.

Local

Data



Documento assinado digitalmente

VITORIA PEREIRA DE SOUZA

Data: 04/04/2025 21:12:08-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

VITÓRIA PEREIRA DE SOUZA

**LETRAMENTO LITERÁRIO INFANTIL: Uma Leitura da Obra *O Feijãozinho Surdo*,
de Liège Gemelli Kuchenbecker**

Trabalho de Conclusão de Curso, no formato de monografia, apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia Bilíngue, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Campus Aparecida de Goiânia/IFG, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada(o) em Pedagogia Bilíngue.

Orientador(a): Prof. Dr. Alexssandro Ribeiro Moura

APARECIDA DE GOIÂNIA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S729 Souza, Vitória Pereira de Souza
Letramento literário infantil: uma leitura da obra O Feijãozinho Surdo,
de Liège Gemelli Kuchenbecker / Vitória Pereira de Souza. - Aparecida
de Goiânia, 2025.
73 f.; il.

Orientador: Dr. Alexssandro Ribeiro Moura.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Instituto Federal de
Educação Ciência e Tecnologia de Goiás: Campus Aparecida de Goiânia,
Licenciatura em Pedagogia Bilingue, 2025.

1. Letramento literário. 2. Letramento visual. 3. Literatura surda. 4.
Educação bilíngue. 5. Práticas pedagógicas. I. Título.

CDD 371.912

Catalogação na publicação:
Thalita Franco dos Santos Dutra – CRB 1/2186

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Na presente data realizou-se a sessão pública de defesa da Monografia intitulada **LETRAMENTO LITERÁRIO INFANTIL: Uma Leitura da Obra O Feijãozinho Surdo, de Liège Gemelli Kuchenbecker**, sob orientação de Alexssandro Ribeiro Moura, apresentada pela aluna **Vitoria Pereira de Souza (20211090080103)** do Curso **Licenciatura em Pedagogia Bilingue (Câmpus Aparecida de Goiânia)**. Os trabalhos foram iniciados às **19:00** do dia **24/03/2025** pelo Professor presidente da banca examinadora, constituída pelos seguintes membros:

- **Alexssandro Ribeiro Moura** (Presidente)
- **Diego Leonardo Pereira Vaz** (Examinador Interno)
- **Antônio Pereira Gonçalves Filho** (Examinador Externo)

A banca examinadora, tendo terminado a apresentação do conteúdo da Monografia, passou à arguição da candidata. Em seguida, os examinadores reuniram-se para avaliação e deram o parecer final sobre o trabalho apresentado pelo aluno, tendo sido atribuído o seguinte resultado:

☒ Aprovado

☐ Reprovado

Nota : 10,0

Observação / Apreciações:

Proclamados os resultados pelo presidente da banca examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu **Alexssandro Ribeiro Moura** lavrei a presente ata que assino juntamente com os demais membros da banca examinadora.

Documento assinado eletronicamente por:

- **ANTÔNIO PEREIRA GONÇALVES FILHO** (609.045.753-14), em **31/03/2025 18:55:34** com chave **df88996a0e7a11f0b06d005056a537a4**.
- **Alexssandro Ribeiro Moura** (958.812.391-72), em **31/03/2025 18:46:47** com chave **a52e2d800e7911f0a70d005056a537a4**.
- **Diego Leonardo Pereira Vaz** (011.403.001-48), em **31/03/2025 18:55:09** com chave **d06ebd740e7a11f0b06d005056a537a4**.

Este documento foi emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QrCode ao lado ou acesse https://suap.ifg.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Ata de Projeto Final

Data da Emissão: 31/03/2025

Código de Autenticação: ee1725





TERMO DE APROVAÇÃO

VITÓRIA PEREIRA DE SOUZA

**LETRAMENTO LITERÁRIO INFANTIL: Uma Leitura da Obra *O Feijãozinho Surdo*,
de Liège Gemelli Kuchenbecker**

Trabalho de Conclusão de Curso, no formato de monografia, apresentado ao curso de Pedagogia Bilíngue, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Campus Aparecida de Goiânia/IFG, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada(o) em Pedagogia Bilíngue, desenvolvido na linha de pesquisa Educação, Cultura e Sociedade, sob orientação do (a) Prof.(a) Dr. Alexssandro R. Moura.

Aprovado em 24 de março de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alexssandro Ribeiro Moura
(Presidente - orientador)

Prof. Me. Diego Leonardo Pereira Vaz
(Membro interno)

Prof. Esp. Antonio Pereira Gonçalves Filho
(Membro externo)

Com todo o meu amor e saudade, dedico este trabalho a Arlifran Pereira de Souza (30/05/1977 – 19/10/2020), que viveu fielmente seus valores e me ensinou, com seu exemplo, a abraçar tudo o que a vida oferece. Sua presença continua viva em mim e será sempre uma inspiração para seguir em frente. Amo você para sempre, meu irmão.

AGRADECIMENTOS

Minha família é o capítulo mais bonito da minha história, a melhor explicação para a origem da minha força, da minha vontade de vencer e de quebrar ciclos. Agradeço profundamente à minha mãe, ao meu pai e aos meus irmãos, que são uma parte tão valiosa da minha trajetória. Em especial, expresso minha gratidão à minha irmã Irlene, que esteve ao meu lado desde o início, me incentivando, dando forças e me apoiando em tudo.

Ao meu marido, o amor da minha vida, minha eterna gratidão por todo o incentivo e apoio, que me permitiram seguir nessa graduação. Graças ao seu suporte, pude me dedicar aos estudos e construir um novo caminho, com o propósito de quebrar ciclos e oferecer um futuro diferente para nossa filha.

À minha filha querida, Nathally, minha maior motivação e inspiração. Com sua paciência e compreensão, você me lembrou diariamente o motivo pelo qual vale a pena lutar por uma formação. Cada gesto seu foi uma fonte de força que me impulsionou a seguir em frente, mesmo nos momentos mais desafiadores. Este trabalho é, para mim, uma semente de esperança e transformação, marcando o início de um novo ciclo em nossa família. Que você nunca deixe de acreditar nos seus sonhos, assim como me ensinou a nunca desistir dos meus. Mamãe te ama com todo o coração!

Aos professores que marcaram esta jornada, minha gratidão. Em especial, à Professora Josiane, por me apresentar aos projetos de extensão e ser uma inspiração; à Professora Alciane, pela sensibilidade e compreensão com alunos que conciliam estudos e família; ao Professor Diego, meu professor surdo, pelos ensinamentos e constante apoio; às Professoras Keith e Ruskaia, pela orientação cuidadosa nos estágios e pela leveza nas aulas; e ao Professor Wellington, pelo suporte na reta final e pelas lições no projeto de iniciação científica.

Na minha vida acadêmica, assim como em toda minha trajetória, sempre pude contar com meus amigos, cada um com sua própria história e destino. Enquanto alguns já se formaram há mais de uma década, eu segui lutando para realizar esse sonho, entendendo que cada um tem seu próprio tempo, e que isso é perfeitamente normal. Então, agradeço especialmente ao meu amigo Ari Tiago, cujo apoio, conselhos e paciência tornaram essa jornada mais leve, incentivando-me a seguir em frente em momentos difíceis.

Não poderia deixar de agradecer também às colegas que se tornaram amigas ao longo do caminho. À Karla Katiuska, que esteve ao meu lado desde o início, nos trabalhos em grupo, ouvindo minhas inquietações e medos. E à Maria Cristina, que foi meu porto seguro em muitos momentos, sempre pronta para ouvir, aconselhar e compartilhar alegrias e desafios.

Por fim, um agradecimento especial ao meu orientador Alexssandro, que me acompanhou desde o primeiro projeto de iniciação científica. Ele me acolheu com paciência, compreendendo meus medos e imperfeições, sendo essencial para que eu chegasse até aqui.

A todos vocês, minha eterna gratidão por fazerem parte dessa caminhada e contribuírem para a realização deste sonho.

“Ler é entrar em outros mundos possíveis. É indagar a realidade para compreendê-la melhor, é se distanciar do texto e assumir uma postura crítica frente ao que se diz e ao que se quer dizer, é tirar carta de cidadania no mundo da cultura escrita” (LERNER, 2002, p.73).

RESUMO

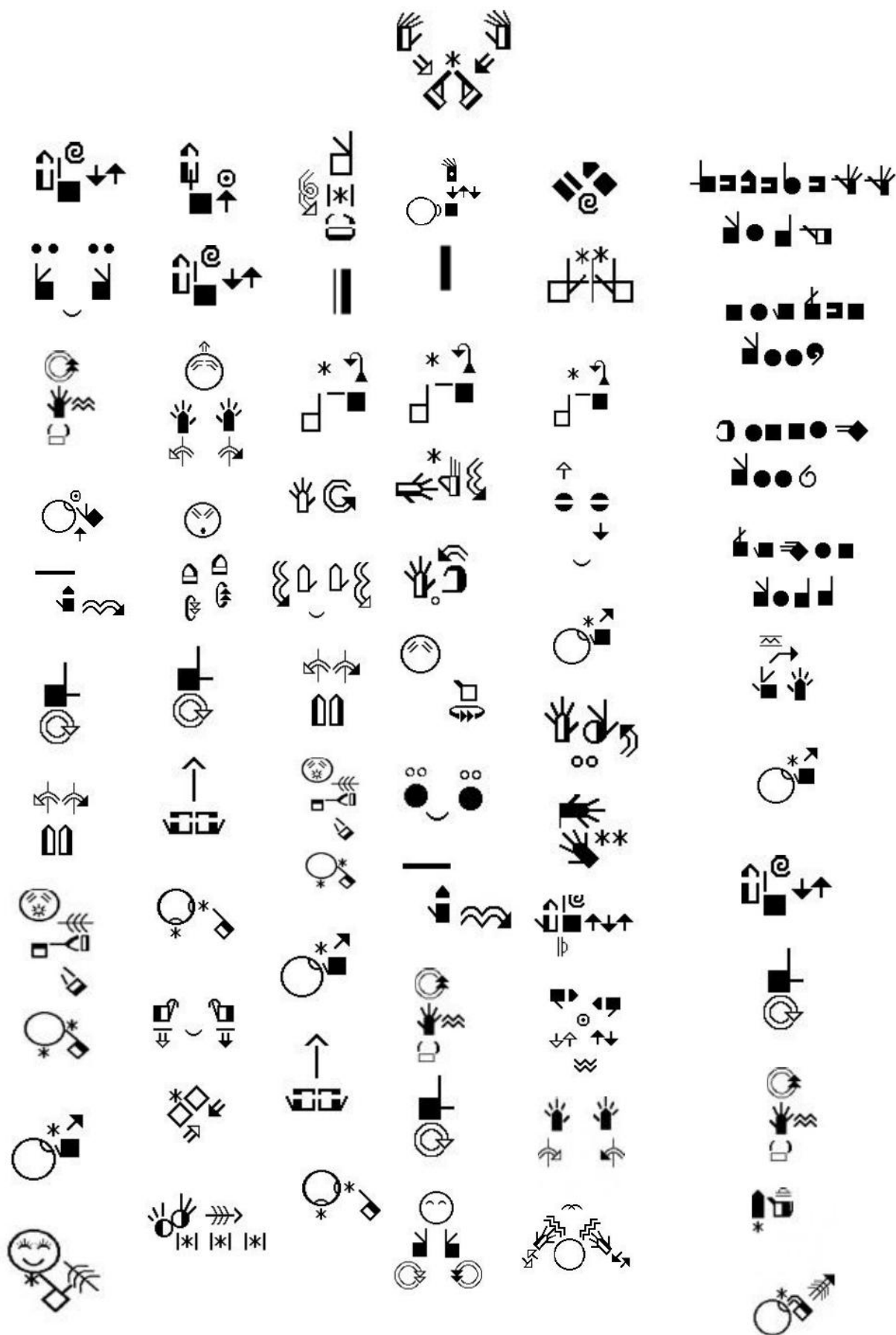
O presente trabalho tem como tema práticas de letramento literário infantil como promotora de inclusão e integração entre surdos e ouvintes, tomando como objeto de estudo a obra **O Feijãozinho Surdo**, de Liège Kuchenbecker. A pesquisa busca responder à questão: como a escolha de obras literárias específicas e a mediação adequada podem contribuir para o diálogo inclusivo no contexto bilíngue? O objetivo geral é analisar a obra em questão, observando como a autora promove a integração entre surdos e ouvintes por meio da literatura. Os objetivos específicos incluem estudar conceitos fundamentais sobre educação infantil, letramento literário e visual; debater estratégias pedagógicas para a formação de leitores críticos e autônomos; e investigar práticas que favoreçam a inclusão. O referencial teórico baseia-se em autores como Lebedeff (2017), Soares (2009), Cosson (2006) e Ramos (2011), entre outros, destacando as relações entre literatura, letramento e identidade cultural. A metodologia, de natureza referencial e descritiva, envolve a leitura de materiais teóricos, análise crítica da obra e identificação de elementos que integram texto, escrita de sinais e ilustração. Os resultados indicam que **O Feijãozinho Surdo**, ao combinar recursos como a Língua Portuguesa, a escrita de sinais e ilustrações, exemplifica práticas pedagógicas inclusivas que valorizam a cultura surda e promovem o diálogo entre diferentes comunidades. A obra reforça a importância do letramento literário e visual como ferramentas para a construção de sentidos, representatividade e fortalecimento da identidade surda, contribuindo para a formação de leitores críticos em um ambiente educacional bilíngue e inclusivo. Dessa forma, o estudo evidencia a relevância da literatura infantil como meio de transformação social e educacional, alinhada aos princípios de diversidade e inclusão.

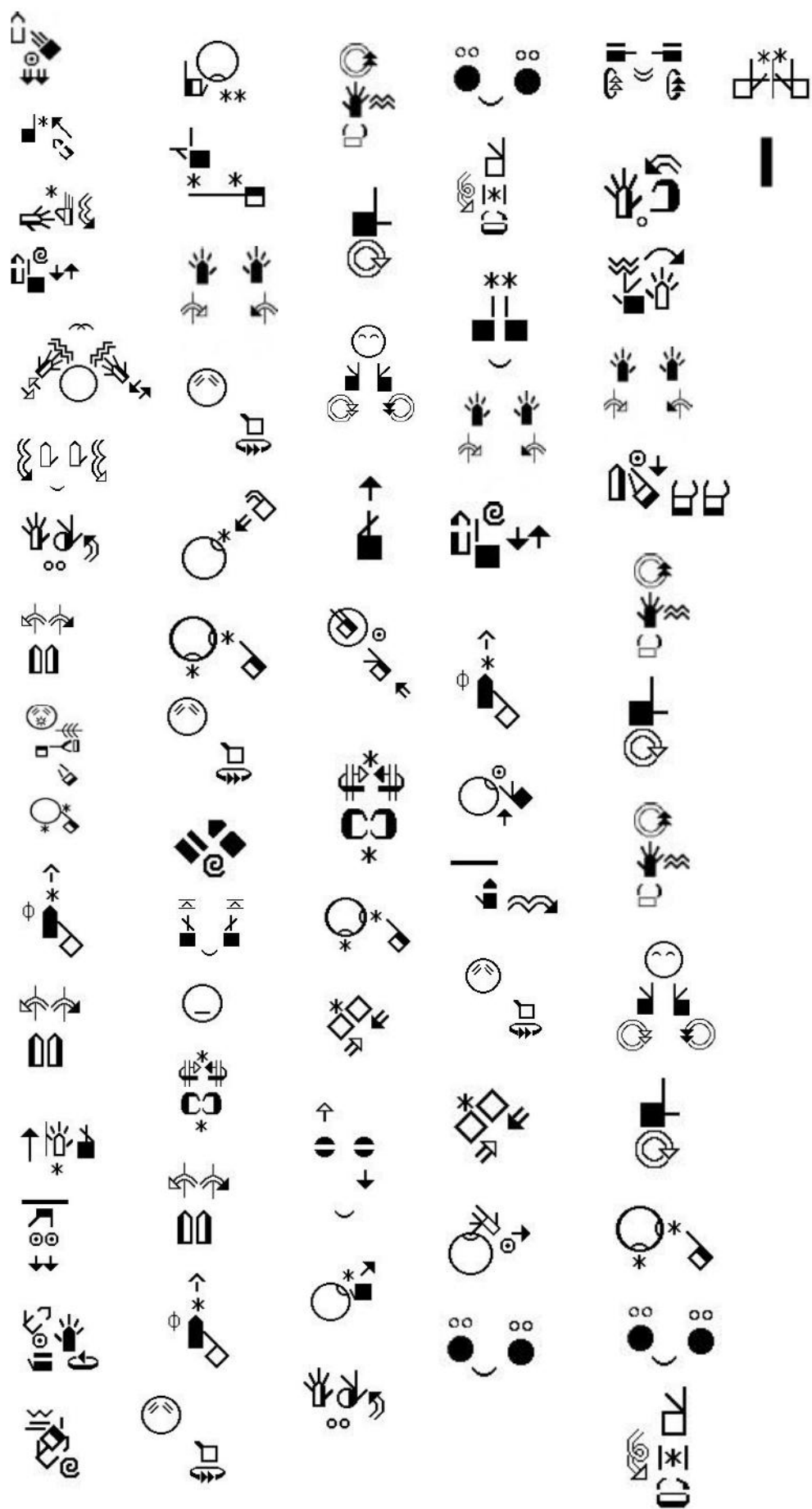
Palavras-chave: 1. Letramento Literário 2. Letramento Visual 3. Literatura Surda 4. Educação Bilíngue 5. Práticas Pedagógicas.

ABSTRACT

This study focuses on practices of children's literary literacy as a promoter of inclusion and integration between deaf and hearing individuals, using the book *O Feijãozinho Surdo* by Liège Kuchenbecker as its object of study. The research seeks to answer the question: how can the selection of specific literary works and appropriate mediation contribute to inclusive dialogue in the bilingual context? The general objective is to analyze the selected book, observing how the author promotes integration between deaf and hearing individuals through literature. The specific objectives include studying fundamental concepts related to early childhood education, literary and visual literacy; discussing pedagogical strategies for the formation of critical and autonomous readers; and investigating practices that foster inclusion. The theoretical framework is based on authors such as Lebedeff (2017), Soares (2009), Cosson (2006), and Ramos (2011), among others, highlighting the relationships between literature, literacy, and cultural identity. The methodology, referential and descriptive in nature, involves reading theoretical materials, conducting a critical analysis of the book, and identifying elements that integrate text, sign writing, and illustrations. The results indicate that *O Feijãozinho Surdo*, by combining resources such as Portuguese, sign writing, and illustrations, exemplifies inclusive pedagogical practices that value deaf culture and promote dialogue between different communities. The book emphasizes the importance of literary and visual literacy as tools for constructing meaning, representation, and strengthening deaf identity, contributing to the formation of critical readers in a bilingual and inclusive educational environment. Thus, the study highlights the relevance of children's literature as a means of social and educational transformation, aligned with the principles of diversity and inclusion.

Keywords: 1. Literary Literacy 2. Visual Literacy 3. Deaf Literature 4. Bilingual Education 5. Pedagogical Practices.





LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa do livro O Feijãozinho Surdo	29
Figura 2 - Exemplo da estrutura do livro.	34
Figura 3 - Exemplo de diversidade representada entre os personagens.	47
Figura 4 - Integração de texto, escrita de sinais e ilustração na página dupla de "O Feijãozinho Surdo".	47
Figura 5 - Conexão entre linguagens visual, verbal e cultural em "O Feijãozinho Surdo".	54
Figura 6 - Reconhecimento e aceitação da língua de sinais na identidade surda.	58
Figura 7 - Representação do encontro surdo-surdo e a valorização da educação bilíngue.....	59
Figura 8 - Aprendizado da Língua de Sinais de forma lúdica.	60
Figura 9 - Desfecho que reforça a importância da educação bilíngue para a inclusão.	62
Figura 10 - Atividades lúdicas que reforçam o aprendizado.....	63
Figura 11 - Quarta capa de O Feijãozinho Surdo.....	65
Figura 12 - Capa e quarta capa de O Feijãozinho Surdo.	66

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1. LETRAMENTO LITERÁRIO E VISUAL NA REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE SURDA EM O FEIJÃOZINHO SURDO.....	23
1.1. Aprofundamento das definições e distinções entre alfabetização e letramento literário e visual	23
1.2. Importância da representatividade na literatura surda.....	29
2. EDUCAÇÃO BILÍNGUE E LITERATURA INFANTIL SURDA	37
2.1. Educação bilíngue libras-português	38
2.2. Literatura surda como ação pedagógica:.....	44
3. A EXPERIÊNCIA DO LETRAMENTO LITERÁRIO E VISUAL EM O FEIJÃOZINHO SURDO	55
3.1. Integração da língua de sinais na narrativa:	55
3.2. Temáticas abordadas e sua relevância	62
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
REFERÊNCIAS.....	71

INTRODUÇÃO

Ramos (2011) convida o leitor a refletir sobre como começou sua relação com as imagens e os livros ilustrados, questionando se ele se lembra do primeiro livro ilustrado que viu ou de algum livro da infância cujas imagens ainda permanecem em sua memória na vida adulta.

O acesso à leitura varia de pessoa para pessoa, sendo influenciado por experiências familiares e escolares. Na infância, muitos não tiveram incentivo à leitura, seja por falta de orientação na escola, onde bibliotecas eram mal aproveitadas, ou pelo desinteresse familiar, muitas vezes motivado pela ausência de recursos ou pela baixa escolaridade dos pais.

Dessa forma, torna-se essencial criar espaços de leitura acolhedores, tanto em casa quanto nas escolas, para que as crianças desenvolvam o hábito desde cedo. Quem não teve tanto acesso à leitura na infância entende hoje a importância dessa oportunidade e busca fazer diferente para as crianças de agora, sejam filhos ou alunos. Nas escolas, há uma diversidade de crianças: algumas têm mais acesso aos livros, enquanto outras, menos. Por isso destaca-se a importância de estratégias inclusivas que valorizem a leitura, projetos de contação de histórias que respeitem a singularidade da infância, indo além de abordagens mecânicas e conteudistas, oferecendo experiências lúdicas e afetivas.

A escolha do tema desta pesquisa está profundamente enraizada nas experiências vivenciadas ao longo da formação no curso de Licenciatura em Pedagogia Bilíngue, que revelaram a relevância da leitura no desenvolvimento infantil e na formação de leitores críticos. Desde o início do curso, práticas pedagógicas e reflexões teóricas despertaram o interesse pela literatura como ferramenta de transformação educacional e social.

Um exemplo significativo foi vivenciado na disciplina de Fundamentos e Metodologias da Educação Infantil, na qual a professora introduzia a leitura de livros no início das aulas. Essa prática demonstrou o impacto positivo da leitura na vida de adultos e crianças, despertando encantamento, promovendo memórias significativas e reforçando a necessidade de ambientes educativos que estimulem a leitura de forma acessível e prazerosa.

Além disso, a disciplina de Literatura e Formação do Leitor aprofundou a reflexão sobre o papel da literatura como ferramenta de formação crítica e cultural. Por meio de uma abordagem teórica e prática, foram explorados conceitos fundamentais, como literatura criativa/ficcional, gêneros literários dedicados à infância (fábulas, contos de fadas, lendas, poesia, teatro infantil), e as interfaces entre literatura e identidade. A disciplina também abordou a Literatura Surda e suas produções textuais em Português e Libras, evidenciando as possibilidades pedagógicas da literatura no contexto bilíngue.

Essas vivências reforçaram a importância do letramento literário como uma abordagem que amplia as práticas docentes e promove a formação de leitores críticos. A análise de diferentes gêneros literários, as discussões sobre metodologias de ensino de literatura e a percepção de objetivos e ações avaliativas consolidaram a compreensão de que a leitura crítica e o contato com obras literárias são essenciais para o desenvolvimento cognitivo, emocional e cultural dos alunos. Assim, o curso de Licenciatura em Pedagogia Bilíngue revelou como o trabalho com a literatura pode contribuir para práticas educativas transformadoras, alinhadas à inclusão e ao fortalecimento da identidade dos leitores em formação.

Pensar em literatura infantil requer considerar o impacto da leitura no desenvolvimento crítico e sensível das crianças. Espaços adequados, com livros alinhados às faixas etárias e acessíveis, ajudam a conectar as histórias com a realidade de cada sujeito, promovendo reflexões sobre o mundo ao seu redor. Assim, o incentivo à leitura se torna um pilar essencial para a formação integral e inclusiva de todos os sujeitos envolvidos.

Ao visitar o Câmpus Palhoça do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC), pudemos observar uma verdadeira experiência bilíngue, na qual surdos e ouvintes se comunicam fluentemente em Libras e têm seus direitos plenamente respeitados. A convivência nesse ambiente demonstrou, na prática, o que é uma inclusão efetiva, com a valorização da língua de sinais e o reconhecimento da identidade surda, algo que deveria ser replicado em outras instituições educacionais.

O Câmpus Palhoça Bilíngue (IFSC) é referência nacional por ser a primeira unidade da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica a oferecer ensino na perspectiva bilíngue (Libras–Português). A proposta da instituição é promover

experiências de ensino, pesquisa e extensão que possibilitem uma interação efetiva entre surdos e ouvintes, respeitando e valorizando a diversidade linguística e cultural. Seu projeto político-pedagógico prioriza essa abordagem bilíngue em todas as etapas, desde a escolha dos cursos até os temas de pesquisa, garantindo que as metodologias e os materiais didáticos utilizados atendam às especificidades da educação de surdos, com a Libras como primeira língua.

Essa experiência bilíngue proporciona um ambiente inclusivo e equitativo, por meio do qual tanto surdos quanto ouvintes se comunicam em Libras e têm seus direitos respeitados. A instituição também se destaca por sua equipe composta por servidores surdos e ouvintes, capacitando os estudantes a compreenderem a perspectiva da diferença, em vez da deficiência, e preparando-os para o exercício da cidadania e da vida profissional. Essa prática pedagógica e organizacional oferece um exemplo concreto de como uma educação verdadeiramente bilíngue pode transformar o cenário educacional e social, promovendo uma convivência que valoriza a identidade surda e favorece a inclusão.

A escolha do tema desta pesquisa, portanto, surge da intersecção entre vivências acadêmicas, interesses pessoais e o compromisso com uma educação inclusiva e transformadora, que valoriza a literatura como um caminho para o desenvolvimento cognitivo, emocional e cultural das crianças.

A literatura infantil tem ganhado destaque como elemento essencial no desenvolvimento das crianças desde os primeiros anos de vida. Para apoiar esse letramento literário, que muitas vezes começa no ambiente familiar, a escola e o educador desempenham um papel crucial na seleção de obras que sejam inclusivas e interessantes. No contexto da integração entre as comunidades surda e ouvinte, a inserção da Língua Brasileira de Sinais (Libras) nas escolas tem se mostrado fundamental, seja por meio de intérpretes ou pela formação de educadores bilíngues.

Nesse sentido, a leitura literária se apresenta como uma ferramenta poderosa para promover o diálogo e a inclusão. A obra **O Feijãozinho Surdo**, de Liège Kuchenbecker, ilustra muito bem como essa abordagem, via texto literário, pode ser bastante útil para a proposição de multiletramentos na educação infantil. Publicado em 2009, o livro, escrito em língua portuguesa e ilustrado por Kuchenbecker, conta ainda com tradução para escrita de sinais, realizada por Erika Silva e Ana Paula Lara,

a obra também vem acompanhada de um DVD em Libras, com orientações para atividades de leitura para a comunidade surda.

A leitura de livros literários traz à tona a dimensão humana de nossas relações com o uso de estilos que se apresentam de modo leve e profundo. Desse modo, é importante que a arte da linguagem esteja presente no ambiente escolar desde o início do processo de formação.

Assim, a presente pesquisa tem como tema práticas de letramento literário infantil como promotoras de inclusão e integração entre surdos e ouvintes, tomando como objeto de estudo a obra **O Feijãozinho Surdo**, de Liège Kuchenbecker. Diante da necessidade de proposição de metodologias de letramento literário para promover a inclusão e a integração entre indivíduos com características diferentes, buscando integrar surdos e ouvintes desde as primeiras etapas da educação formal, surge a seguinte questão: Como a escolha de determinadas obras literárias e a mediação adequada de leitura podem contribuir de modo expressivo para esse diálogo?

O objetivo geral desta investigação é analisar a obra **O Feijãozinho Surdo**, observando como a autora propõe a integração entre surdos e ouvintes por meio da literatura e como a leitura do livro possibilita práticas produtivas de letramento literário e visual. Para isso, são estabelecidos como objetivos específicos: discutir conceitos fundamentais relacionados à educação infantil, letramento visual e letramento literário; debater estratégias pedagógicas para o desenvolvimento de habilidades de leitura por meio do diálogo entre literatura e pedagogia; e promover a formação de leitores críticos e autônomos desde a infância.

Para Lebedeff (2017), a surdez existe e exige uma proposta pedagógica inovadora, que considere suas singularidades linguísticas e culturais. Desse modo, para responder às questões norteadoras da pesquisa como: Quais elementos da obra literária analisada facilitam a integração entre surdos e ouvintes? Como o letramento visual e literário podem ser trabalhados em sala de aula para promover inclusão? Quais estratégias pedagógicas podem ser desenvolvidas a partir da análise da obra? Foi necessário percorrer alguns caminhos teóricos que sustentaram essa investigação. Os principais autores que fundamentam esse percurso são: Abramovich (1989), Aguiar e Chaibue (2015), (Candido, 2023), Cosson (2006), Lebedeff (2017), Mourão (2012), Ramos (2011), Soares (2020), Santaella (2012), Sutton-Spence (2021), Skliar (2013), Strobel (2008), entre outros.

Teorias de letramento literário contemporâneas associadas a metodologias de educação infantil são pilares importantes para o ponto de partida deste percurso investigativo. A literatura infantil na escola e seu uso na sala de aula possibilitam aos alunos o contato com obras de ficção que podem chegar a cada um deles de modo diferente, mas com um poder transformador que causa efeitos benéficos em vários níveis de aprendizagem quando a formação do leitor é iniciada. Conforme Zilberman:

A justificativa que legitima o uso do livro na escola, nasce, pois, de um lado, da relação que estabelece com o seu leitor, convertendo-o num ser crítico perante sua circunstância; e, de outro, do papel transformador que pode exercer dentro do ensino, trazendo-o para a realidade do estudante e não submetendo este último a um ambiente rarefeito do qual foi suprimida toda referência concreta (ZILBERMAN, 2003, p. 30).

O letramento literário é definido como o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos (PAULINO E COSSON, 2009, p.67). Assim, segundo os autores, a literatura trabalha com a liberdade da linguagem, permitindo expressar as ideias e sentimentos humanos de maneira única. A experiência de ler um livro nos ajuda a entender melhor o mundo e a nós mesmos. Por isso, o contato com a literatura é muito importante para o desenvolvimento pessoal. O letramento literário é, portanto, o processo de aprender a entender e dar significado às obras literárias, construindo sentido a partir delas.

O trabalho se fundamenta também em conceitos do letramento visual e suas implicações nos afazeres do cotidiano de educadores com formação bilíngue português/libras. É importante observar que:

A experiência visual não pode ser vista apenas como um elemento inspirador de ferramentas e estratégias de apoio, e sim deve tensionar uma “visualidade aplicada”, ou seja, tensionar para que as práticas pedagógicas, os artefatos tecnológicos, as arquiteturas curriculares e os próprios prédios das escolas de surdos sejam problematizados e propostos a partir da compreensão da experiência visual (LEBEDEFF, 2017, p. 248).

Juntamente a esses apontamentos teóricos, serão destacados alguns tópicos de leitura importantes da obra literária analisada, com destaque para a interação entre texto escrito (língua portuguesa), escrita de sinais e ilustração. Segundo Pinto e Coelho, é inquestionável o valor que é atribuído à escrita, sendo uma invenção decisiva para a história do ser humano, fundamental ao desenvolvimento das sociedades (2017, p. 77). Ela amplia a capacidade de comunicação e, dessa forma,

facilita a criação e o compartilhamento de novos conhecimentos. Escrever permite disseminar ideias, registrar a imaginação e criar ou transformar o pensamento.

A metodologia adotada neste trabalho é de natureza bibliográfica e descritiva, organizada em etapas que incluem a leitura de materiais teóricos, a análise crítica da obra **O Feijãozinho Surdo** e a identificação de tópicos relevantes para a investigação da interação entre texto escrito, escrita de sinais e ilustração. Essa abordagem possibilita uma exploração aprofundada das contribuições da obra para o debate sobre educação infantil e letramento, promovendo reflexões sobre práticas pedagógicas inclusivas e transformadoras. A pesquisa bibliográfica, ao reunir e analisar textos já publicados, fundamenta a discussão e enriquece a compreensão do tema em questão, alinhando-se aos princípios metodológicos destacados por Sousa et al. (2021).

Sabendo que toda criança começa sua iniciação de leitura das coisas do mundo através das imagens (tanto surdas quanto ouvintes), abre-se uma possibilidade interessante para ações em sala de aula que estimulem o desenvolvimento desse saber, propondo práticas construtivas e dialógicas.

Por fim, a monografia está estruturada em capítulos que dialogam entre si para abordar a relação entre letramento, inclusão e literatura infantil no contexto bilíngue, com foco na obra **O Feijãozinho Surdo**, de Liège Kuchenbecker.

O primeiro capítulo deste trabalho abordará os conceitos fundamentais de letramento literário e visual, elementos indispensáveis na compreensão das narrativas que promovem a valorização da cultura surda. Partindo das definições de Magda Soares (2009), será discutida a distinção entre alfabetização, enquanto habilidade técnica de leitura e escrita, e letramento, como prática social mais ampla, que inclui contextos culturais e simbólicos. Nesse sentido, o letramento literário e visual desempenha um papel importante ao unir texto e imagem na construção de sentidos. A obra **O Feijãozinho Surdo** exemplifica como esses elementos podem promover a representatividade da identidade surda, fortalecendo a autoestima de crianças surdas e seus vínculos culturais. O capítulo também apresenta uma reflexão sobre os desafios e oportunidades para integrar o letramento nas práticas educacionais, destacando como uma abordagem contextualizada pode enriquecer a formação de leitores críticos e valorizar a diversidade cultural e linguística nas escolas.

O segundo capítulo aborda como a educação bilíngue de surdos, que reconhece a Libras como primeira língua e o Português como segunda, pode ser integrada à literatura infantil surda para promover práticas pedagógicas inclusivas e significativas. Serão abordados aspectos fundamentais, como o uso da Libras no ensino, a formação de professores capacitados e a elaboração de currículos que considerem as especificidades dos alunos surdos. Além disso, será discutido como a literatura infantil surda contribui para fortalecer a identidade e a cultura surda, destacando sua importância como ferramenta pedagógica que promove representatividade e empoderamento, alinhando-se às necessidades educacionais e culturais dos estudantes. A obra de Liège Gemelli Kuchenbecker é fundamental para exemplificar como esses elementos de bilinguismo, literatura infantil e identidade surda devem ser trabalhados na escola.

O terceiro capítulo examinará a experiência do letramento literário e visual na obra **O Feijãozinho Surdo**, destacando como essas práticas enriquecem a formação de leitores em contextos bilíngues e multiculturais. A narrativa do livro integra três linguagens principais: a escrita de sinais, o português escrito e as ilustrações, proporcionando uma leitura inclusiva e significativa. Essa combinação não apenas amplia o repertório linguístico das crianças, como também valoriza diferentes formas de comunicação, fortalecendo a identidade surda. Além disso, serão analisadas as temáticas da obra, como inclusão, respeito à diversidade e superação, evidenciando seu papel pedagógico e o impacto da literatura surda na promoção de um aprendizado mais acessível e representativo.

Desse modo, com base nessa perspectiva, buscamos apresentar uma leitura crítica do enredo da obra **O Feijãozinho Surdo**, destacando-a como um exemplo inspirador da integração entre letramento literário e visual na valorização da identidade e da cultura surda. Ao evidenciar a presença da língua de sinais na narrativa e sua importância como elemento central na vida do protagonista, o estudo convida à reflexão sobre a relevância do bilinguismo e da inclusão no ambiente escolar. Por meio da trajetória do personagem e suas interações com o mundo ao seu redor, a obra revela, de forma autêntica, a riqueza da identidade surda e aponta caminhos para a construção de uma educação mais inclusiva e representativa. De acordo com Sutton-Spence, “a experiência de se perceber o mundo principalmente através da visão - e não através dos sons - gera literaturas surdas com foco principal nas imagens

visuais“ (2021, p.27). Assim, espera-se que esta investigação inspire novas práticas e debates sobre o potencial transformador da literatura surda no contexto educacional.

1. LETRAMENTO LITERÁRIO E VISUAL NA REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE SURDA EM O FEIJÃOZINHO SURDO

Quando falamos de literatura surda é muito importante compreendermos os conceitos fundamentais de letramento literário e letramento visual. Esses conceitos são essenciais para o desenvolvimento de atividades de leitura e formação de leitores, tanto surdos quanto ouvintes. Nesse caso, o livro **O Feijãozinho Surdo** exemplifica como a literatura infantil pode ser uma ferramenta valiosa na educação bilíngue. Ele demonstra a importância de propostas pedagógicas que promovam a identidade surda, posicionando esse grupo como protagonista ativo no processo educacional.

Aqui refletiremos sobre a importância desses conceitos como sustentação para a compreensão e interpretação da identidade surda representada na narrativa literária. Magda Soares (2009) destaca que a palavra letramento e seu conceito são algo relativamente recente no Brasil. Ela foi introduzida no vocabulário da Educação e das Ciências linguísticas, surgindo no discurso dos especialistas dessas áreas na segunda metade dos anos 1980. Os conceitos de letramento literário e visual são desdobramentos da concepção de letramento como prática social difundida por Magda Soares, destacando a importância de uma abordagem ampla e contextualizada da leitura e escrita no contexto educacional.

As consequências desse pouco tempo de familiarização com o conceito de letramento nas práticas educacionais incluem resistência a mudança, necessidade de formação continuada, adaptação de práticas pedagógicas e desafios na avaliação. Portanto, é crucial investir em formação contínua e práticas que incorporem o letramento para promover uma educação mais eficaz e contextualizada.

1.1. Aprofundamento das definições e distinções entre alfabetização e letramento literário e visual

O objetivo fundamental da alfabetização no Brasil é fornecer aos educandos o conhecimento do sistema de escrita alfabética. Isso significa que as crianças precisam entender como as letras se relacionam com os sons das palavras, para então começarem a ler e como podem escrever palavras usando essas letras. A alfabetização marca o início da jornada de exploração no universo da escrita e da leitura.

De acordo com Soares (1985), a alfabetização vai além de simplesmente transformar sons em letras e vice-versa. É um processo que envolve compreender e expressar significados por meio da escrita, sendo considerado complexo e individual. A relação entre a língua falada e a escrita, juntamente com aspectos cognitivos, sociais e culturais, é crucial na aprendizagem da leitura e escrita. O ensino não deve focar apenas na decodificação, mas também em práticas de leitura e escrita significativas. Fatores como o contexto sociocultural dos alunos, a qualidade do ensino, as práticas de leitura e escrita em casa e na escola, e as políticas educacionais influenciam o processo de alfabetização. Portanto, é importante considerá-los ao planejar estratégias de ensino e práticas pedagógicas relacionadas à leitura e à escrita.

O letramento, que antes era novidade para muitos, vem sendo amplamente propagado no meio escolar e também acadêmico. Essa metodologia vem ganhando espaço nos cursos de formação de professores, em pesquisas acadêmicas e, assim, o letramento se mostra intrínseco à vida em sociedade.

Segundo Soares (2020), letramento é a habilidade de utilizar a escrita para participar efetivamente das práticas sociais e pessoais que envolvem o uso da língua escrita. Isso inclui várias habilidades, como ler e escrever para diferentes razões (aprender, conversar, se divertir, etc.), entender e fazer diferentes tipos de textos e saber como escrever adequando-se aos níveis de formalidade escrita. Assim, em seu livro **Alfabetizar: Toda criança pode aprender a ler e a escrever**, a autora esclarece que:

Alfabetização e Letramento são processos cognitivos e linguísticos distintos, portanto, a aprendizagem e o ensino de um e de outro é de natureza essencialmente diferente; entretanto, as ciências em que se baseiam esses processos e a pedagogia por elas sugeridas evidenciam que são processos simultâneos e interdependentes. A alfabetização – a aquisição da tecnologia da escrita – não precede nem é pré-requisito para o letramento, ao contrário, a criança aprende a ler e escrever envolvendo-se em atividades de letramento, isto é, de leitura e produção de textos reais, de práticas sociais de leitura e de escrita (SOARES, 2020, p.27).

A autora ressalta a importância de alfabetizar letrando, destacando que ensinar apenas as habilidades fundamentais de leitura e escrita não é o bastante. É essencial que as pessoas sejam capazes de aplicar essas habilidades de forma eficaz em diferentes contextos do dia a dia. Portanto, ela argumenta que o ensino da língua

escrita deve integrar a aprendizagem das habilidades básicas com práticas de compreensão, interpretação e produção de textos. Esse conceito é conhecido como alfabetização e letramento.

A leitura de livros literários desde a infância é uma importante aliada da alfabetização e do letramento, pois ajuda no desenvolvimento de habilidades essenciais, despertando o interesse da criança e facilitando a compreensão de símbolos e linguagens. Ao explorar essas obras de forma lúdica e criativa, as crianças aprendem de maneira mais fácil e eficaz. Abramovich (1989) ressalta que ao ler uma história, a criança também desenvolve sua capacidade crítica. Isso ocorre porque ela é estimulada a pensar, questionar, duvidar e se perguntar mais sobre o que está lendo. Essa experiência pode deixá-la inquieta, curiosa e até mesmo disposta a mudar de opinião. Para Abramovich, é fundamental que essa prática não seja ocasional, mas sim integrada à rotina escolar de forma sistematizada, sem que isso signifique seguir um esquema rígido e repetitivo.

De acordo com Candido, o conceito de literatura abrange:

[...] da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. (CANDIDO, 2023, p.189).

Assim, a literatura desempenha uma função complexa e contraditória, possivelmente humanizadora. Ela se manifesta como uma construção autônoma de objetos com estrutura e significado, como expressão de emoções e visões de mundo, tanto individuais quanto coletivas, e como uma forma de conhecimento que muitas vezes é incorporada de maneira difusa e inconsciente. (CANDIDO, 2023)

A literatura é realmente importante para entendermos o mundo ao nosso redor. Ela não apenas nos diverte, mas nos encoraja a explorar nossas emoções, perspectivas de vida e a absorver conhecimento de maneira indireta. É fascinante como os livros podem ser uma forma de arte, uma maneira de ver diferentes realidades e uma fonte de sabedoria, tudo ao mesmo tempo.

Fanny Abramovich, em seu livro **LITERATURA INFANTIL gostosuras e bobices** (1989), enfatiza a importância de ler histórias ao mostrar que devemos:

Ler histórias para crianças, sempre, sempre... É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens [...]. É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões

(como as personagens fizeram...). É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos [...]. É a cada vez ir se identificando com outra personagem (cada qual no momento que corresponde àquele que está sendo vivido pela criança) ... e, assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas... (Abramovich, 1989, p.17).

A literatura infantil desempenha um papel crucial ao permitir que as crianças experimentem uma ampla gama de emoções. Segundo Abramovich (1989), a escuta de histórias possibilita vivenciar desde tristeza e raiva até bem-estar e alegria. Essas narrativas provocam respostas emocionais profundas nos ouvintes, permitindo que eles se envolvam em experiências imaginativas significativas.

Ao vivenciarem essas emoções através dos livros, as crianças desenvolvem sua imaginação e gradualmente se tornam leitoras. É crucial que sejam incentivadas tanto em casa quanto na escola, pois o hábito da leitura não se desenvolve sozinho. Segundo Cosson (2006), o maior mistério da literatura reside no envolvimento singular que ela nos proporciona em um mundo feito de palavras. Nesse sentido, Ramos (2011) reforça que esse processo será ainda mais eficaz se aqueles que atuam como mediadores entre a criança e o livro forem capazes de interpretar as histórias que as narrativas visuais têm a contar.

Paulino e Cosson explicam que o letramento literário é o caminho pelo qual nos apropriamos da literatura, entendendo-a como uma construção de significados literários. Os autores também enfatizam que o letramento literário não se limita ao ambiente escolar, mas é uma jornada contínua que nos acompanha ao longo da vida, renovando-se a cada leitura de uma obra significativa. (2009, p. 69). Nesse sentido, Abramovich (1989) ressalta a importância fundamental de as crianças ouvirem muitas histórias como um primeiro passo crucial para se tornarem leitoras. Ser leitor abre um caminho infinito de descoberta e compreensão do mundo.

Cosson (2006) aborda o papel da literatura como um exercício essencial para explorar as potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita. Para o autor:

O corpo da linguagem, o corpo da palavra, o corpo da escrita encontra na literatura seu mais perfeito exercício. A literatura não apenas tem a palavra em sua constituição material, como também a escrita é seu veículo predominante. A prática da literatura, seja pela leitura, seja pela escritura, consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita, que não tem paralelo em outra atividade humana (Cosson, 2006, p. 16).

Nesse sentido, o objetivo principal do letramento literário é formar leitores críticos, desenvolvendo habilidades que os capacitem a compreender, interpretar, apreciar e questionar histórias e textos literários. Além disso, o letramento literário busca criar uma conexão mais profunda e significativa das pessoas com a literatura, tornando-a parte essencial de suas vidas. Portanto, é fundamental inserir os estudantes em um ambiente rico em literatura, proporcionando experiências que os envolvam e os inspirem a explorar o mundo das histórias. É importante entender que o letramento literário é uma prática social e, por isso, é responsabilidade da escola promovê-lo (COSSON, 2006). Essa prática vai além da simples habilidade de ler, escrever e são fundamentais para a formação social dos alunos.

Na leitura de livros infantis, que são sempre ilustrados, observamos uma inter-relação entre o letramento literário e o letramento visual. Essa articulação ocorre porque as crianças não apenas decodificam as palavras escritas, mas também interpretam e compreendem as ilustrações que acompanham o texto.

De acordo com Ramos, as crianças aprendem rapidamente a língua das imagens, porque estão em uma fase do desenvolvimento em que as sensações, vinculadas às formas, cores e texturas, ainda estão à flor da pele, não sofreram influência excessiva dos efeitos da racionalização (2011, p. 41).

As ilustrações não apenas complementam o conteúdo verbal, mas muitas vezes também fornecem informações adicionais, contribuindo para a compreensão da história e o desenvolvimento das habilidades de leitura. Dessa forma, o letramento literário e visual se entrelaçam, proporcionando uma experiência de leitura mais rica e significativa para as crianças.

Para Graça Ramos (2011) a responsabilidade de completar o sentido da imagem recai sobre quem a observa e a interpreta, considerando seu nível de maturidade, suas fantasias e suas experiências de vida. Para a autora as ilustrações nos livros são essenciais para atrair a atenção das crianças, pois elas apreciam a combinação entre o que já conhecem e as surpresas provocadas pelas imagens, enquanto histórias apenas narradas com palavras não estimulam a criatividade delas como um texto que inter-relaciona linguagem verbal e pictórica.

Lebedeff (2017) define o letramento visual como a área de estudo que aborda a interpretação do que é perceptível pela visão. Para ela, no contexto dos surdos, a experiência visual, considerada um artefato cultural, destaca a relevância das práticas

de letramento visual. Portanto, o letramento visual, quando aplicado à surdez, requer uma compreensão fundamentada nas práticas sociais e culturais relacionadas à interpretação e compreensão de imagens.

Nesse sentido, a autora destaca que o letramento visual não se limita apenas à decodificação de elementos visuais, mas também engloba a habilidade de criar e transmitir mensagens visuais de maneira intencional e significativa. Ela ressalta a importância de uma abordagem educacional que estimule o desenvolvimento do letramento visual, tanto no ambiente escolar quanto na formação de indivíduos críticos e conscientes em relação às imagens que permeiam a sociedade. A autora ressalta ainda a importância de discutir o acesso dos surdos, desde a infância, a uma cultura visual que os permita ler e compreender o mundo por meio da experiência visual. (LEBEDEFF, 2017, p.231)

A obra **O Feijãozinho Surdo** (KUCHENBECKER, 2009) ilustra de maneira notável a relevância da combinação de imagens visuais por meio de sinais, destacando e valorizando a cultura surda. Utilizando duas formas de escrita, Libras através do SignWriting¹ e português, o livro facilita a leitura e a compreensão do conteúdo para as crianças, graças ao aspecto visual das ilustrações.

De acordo com Ramos (2011), o fundamental é que a ilustração cause deslocamento, provoque no leitor emoção e o faça imaginar e refletir a partir do que está sendo narrado pelo ilustrador (2011, p 26). O deslocamento, segundo a autora, é a capacidade da ilustração de levar o leitor a novas perspectivas e emoções, saindo do óbvio e explorando o imaginário. Isso acontece quando a ilustração vai além de complementar o texto, trazendo significados adicionais que estimulam o leitor a refletir, interpretar e criar seu próprio entendimento da história. Esse processo torna a leitura mais envolvente e enriquecedora, despertando a criatividade e o pensamento crítico.

¹ A palavra em inglês **SignWriting** é traduzida como **Escrita de Sinais** no Brasil. O SignWriting é um sistema de escrita das línguas de sinais.

Figura 1 - Capa do livro O Feijãozinho Surdo



Fonte: **O Feijãozinho Surdo**. Canoas - RS: Editora da Ulbra, 2009.

Desde a capa do livro, somos imersos em uma experiência multissensorial que vai além das palavras impressas. A articulação entre três linguagens distintas - visual, verbal e gestual - não apenas enriquece a estética da obra, mas também carrega consigo significados profundos no contexto da educação bilíngue e na valorização da cultura surda. Essa interação entre as linguagens não apenas reflete a diversidade linguística e cultural, mas também promove a inclusão e o reconhecimento da identidade surda.

1.2. Importância da representatividade na literatura surda

A literatura surda assume uma importante função ao evidenciar e enaltecer a identidade e a cultura das pessoas surdas. Por meio da abordagem de temas e vivências específicas dessa comunidade, ela não apenas expressa a diversidade linguística e cultural, mas também fortalece a autoconfiança e o senso de pertencimento dos leitores surdos. Dessa forma, as obras literárias surdas desempenham um papel essencial na disseminação da cultura e na ampliação da compreensão sobre a comunidade surda.

Mourão (2012) destaca que é desafiador estabelecer um conceito definitivo de literatura em geral, e esse conceito se aplica à literatura surda. Ele ressalta que essa forma de expressão envolve representações criadas por surdos, nas quais significados compartilhados são elaborados em forma de discurso, sendo essencial para a representação surda. Além disso, Mourão enfatiza que os significados são constantemente alterados dentro do contexto cultural, e que a cultura não é produzida de forma isolada pelo sujeito, mas sim de maneira coletiva, envolvendo a produção conjunta de significados. Essa visão está alinhada com a abordagem de Candido (2023), que enfatiza como as expressões literárias refletem os impulsos, crenças, sentimentos e normas de uma sociedade. Para o autor:

Cada sociedade cria as suas próprias manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas, de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles. (CANDIDO, 2023, p. 190).

Os autores ressaltam que a produção literária é influenciada pelo contexto e pelas experiências compartilhadas dentro de uma sociedade. Eles destacam que as representações culturais refletem essas experiências coletivas e os contextos sociais em que estão inseridas. Essas perspectivas convergem para a compreensão da literatura como uma expressão intrinsecamente ligada à experiência humana e cultural, demonstrando como as obras literárias refletem e são moldadas pelos diversos aspectos da vida em sociedade.

De acordo com Sutton-Spence (2021), a expressão "literatura em Libras" abrange poemas, contos, piadas, jogos e outras formas de expressão artística criadas em Libras e culturalmente valorizadas. Essa literatura representa uma forma linguística de celebrar a vida surda e a língua de sinais, embora tenha suas raízes na língua de sinais cotidiana, destacando-se por suas características distintas. Além disso, a autora esclarece que a literatura em Libras é criada na língua de sinais dos surdos brasileiros e não há literatura em Libras sem a comunidade surda. Nesse sentido, ela destaca que:

[...] a literatura em Libras é principalmente a literatura de uma comunidade surda, do "povo do olho" (em inglês "People of the Eye"). Por isso tem características compartilhadas com outras comunidades surdas mundiais. Por exemplo, a experiência de se perceber o mundo principalmente através da visão - e não através dos sons - gera literaturas surdas com foco principal nas imagens visuais em qualquer país (SUTTON-SPENCE, 2021, p.27).

Além disso, a autora também esclarece que, ao discutir a literatura em geral e as características específicas da literatura da comunidade surda, nos deparamos com vários termos e conceitos semelhantes, o que requer atenção, pois não é simples definir essas categorias de forma concreta.

A literatura em Libras, produzida pela comunidade surda brasileira, compartilha muitas características com a literatura escrita em português. Ambas se concentram na expressão estética, apresentam características extraordinárias, exploram perspectivas não cotidianas e destacam-se por sua representação diferenciada da vida cotidiana. Essas formas literárias proporcionam uma experiência linguística rica, permitindo a exploração da diversidade e profundidade das línguas (SUTTON-SPENCE, 2021).

De acordo com Mourão (2011), a literatura surda abrange histórias, processos sociais e práticas discursivas das comunidades surdas, tanto internamente quanto em interação com comunidades ouvintes. Essas narrativas, transmitidas ao longo das gerações, incluem piadas, contos de fadas, adaptações literárias e outras manifestações culturais que refletem os valores e a rica herança linguística e cultural surda.

O autor argumenta que a literatura surda abrange obras escritas por e para pessoas surdas, valorizando sua cultura, identidade e experiências. Ela promove a representatividade, fortalece a autoestima e aumenta a conscientização da sociedade sobre a surdez. Seu foco reside na valorização e no uso da língua de sinais, no empoderamento dos surdos e na descoberta da identidade surda. No mesmo sentido, Sutton-Spence (2021) afirma que a literatura surda pode ser produzida e apresentada por surdos diretamente, ou mesmo criada inicialmente por pessoas não surdas e posteriormente adaptada e apresentada por indivíduos surdos. Seu principal objetivo é alcançar um público surdo, abordando questões específicas dessa comunidade, embora pessoas ouvintes também possam apreciá-la.

Autores ouvintes, assim como autores surdos em colaboração com ouvintes, contribuem para essa literatura, explorando a experiência e o conhecimento dos surdos. Essas obras frequentemente discutem temas relacionados à cultura surda e sua identidade, oferecendo uma perspectiva inclusiva. Portanto, na categoria de literatura surda, o foco está nas pessoas envolvidas, e não no idioma em que é

produzida, podendo ser escrita em português ou em Libras. Muitos livros escritos por surdos em português abordam a experiência das pessoas surdas.

A literatura surda, de acordo com Mourão (2011), pode ser dividida em três tipos de produções: criação, adaptação e tradução. A categoria de criação engloba obras originais escritas por autores surdos, que utilizam a língua de sinais para explorar temas relacionados à cultura e identidade surda. Esses textos surgem a partir de histórias e ideias que circulam na comunidade surda, refletindo as experiências, valores e perspectivas únicas dos membros dessa comunidade. Eles são uma expressão autêntica da cultura surda, contribuindo para a diversidade e riqueza da literatura surda. De acordo com Schlemper (2017), existem poucos materiais literários infantis criados por autores surdos, podemos citar **Tibi e Joca** (BISOL, 2001), **Casal Feliz** (COUTO, 2010), **As estrelas de Natal** (KLEIN E STROBEL, 2015) e meu objeto de estudo, **O Feijãozinho Surdo** (KUCHENBECKER, 2009).

Embora a autora classifique o livro **Patinho Surdo** (ROSA, KARNOPP, 2005) como uma adaptação, o autor discorda, afirmando que a narrativa difere significativamente do clássico infantil **Patinho Feio** (ANDERSEN, 1996). Rosa (2006) salienta que não o encara como uma mera adaptação, mas sim como uma criação original, pois representa uma abordagem totalmente nova da história de patos surdos. Esses conceitos são dinâmicos e evidenciam a importância do crescimento da produção de obras literárias no século XXI que abordam temáticas relacionadas à identidade surda.

Na categoria adaptação, os autores desses livros modificam histórias ou contos de fadas conhecidos para apoiar a comunidade surda, destacando sua cultura e a importância da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Nesses livros adaptados, os personagens principais são surdos e as histórias são alteradas para se adequarem a essa realidade. Os autores têm conhecimento dos clássicos da literatura mundial e entendem seus aspectos culturais, adaptando-os para refletir sobre a cultura surda. Isso permite que os livros ofereçam representações autênticas da vida e da perspectiva surda. Schlemper (2017) traz como exemplos de histórias adaptadas: **Cinderela Surda** (HESSEL, 2003), **Rapunzel Surda** (SILVEIRA, 2005), **A cigarra surda e as formigas** (OLIVEIRA, BOLDO, 200?), **Adão e Eva** (KARNOP E ROSA), **A Fábula da Arca de Noé** (MOURÃO, 2014).

Segundo Schlemper (2017), as traduções de literatura para Libras ainda são um campo de pesquisa recente no Brasil, e os materiais literários traduzidos e disponibilizados até o momento são escassos. No entanto, de acordo com Mourão (2011), esses materiais desempenham um papel crucial ao contribuir para o conhecimento e divulgação do acervo literário de diferentes épocas e lugares. Isso ocorre porque são traduzidos para a língua utilizada pela comunidade surda, o que amplia o acesso a diversas obras literárias. Ainda de acordo com a autora, editoras como Arara Azul e Sociedade Bíblica do Brasil, tem investido na produção e tradução de obras como **João e Maria** (GRIMM, 2011), **Peter Pan** (BERRIE, 2009), **Alice para Crianças** (CARROL, 2007), **Aventuras da Bíblia** (SBB, 2008), **O Soldadinho de Chumbo** (ANDERSEN, 2011), **O Gato de Botas** (PERRAULT, 2011), e **Uma Aventura do Saci Pererê** (RAMOS, 2011).

O Feijãozinho Surdo faz parte dessas produções literárias e exemplifica um livro que enaltece a cultura surda. Publicado inicialmente em 2009 e reimpresso em 2018 pela Editora ULBRA, foi escrito e ilustrado por Liège Gemelli Kuchenbecker que é ouvinte, mas faz parte da comunidade surda, e seu livro reflete essa vivência. Além disso, conta com a tradução em escrita de sinais SignWriting realizada por Erika Silva e Ana Paula Lara.

A literatura surda tem sido difundida com o auxílio de novas tecnologias que permitem o registro em vídeos utilizando a Libras, como é o exemplo do livro **O Feijãozinho surdo** que vem acompanhado de um DVD em Libras, oferece orientações para atividades de leitura para a comunidade surda. Atualmente, contamos com diversas ferramentas que facilitam a disseminação mais ágil e eficaz da literatura surda.

Um exemplo é a internet, onde ao incluir um código QR², os leitores são direcionados diretamente para o link do vídeo em plataformas de mídia. Esses vídeos geralmente oferecem tradução em Libras e opções de legendas, atendendo às diferentes necessidades e preferências dos surdos, que podem optar pela visualização em língua de sinais ou pela leitura das legendas. Com o avanço da

² Link e QR Code para acessar vídeo da tradução em Libras do livro O feijãozinho surdo.

Link: <https://youtu.be/93htjdXWVow>

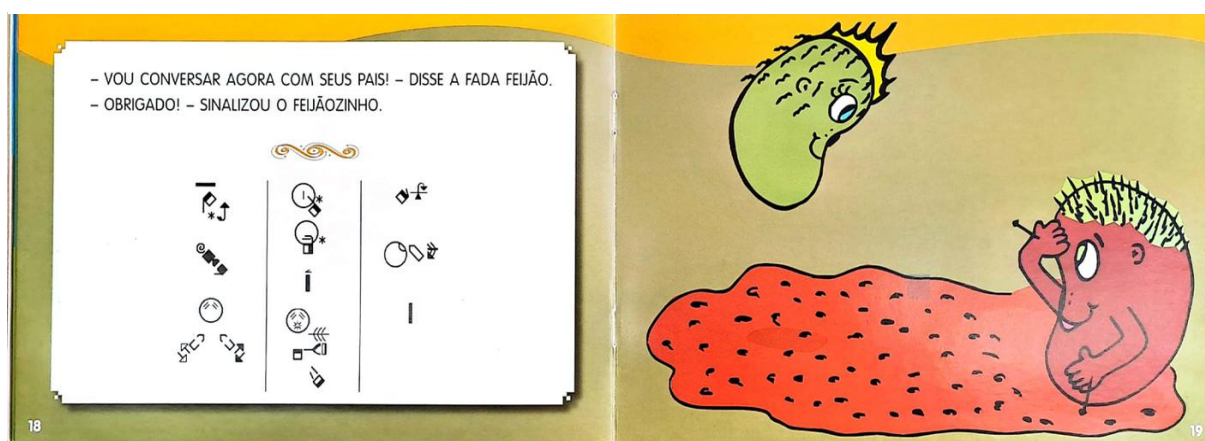


internet e das tecnologias, os vídeos se tornaram uma ferramenta essencial para o desenvolvimento da literatura surda, pois facilitam o registro, a divulgação e a expansão de materiais produzidos em Libras.

Conforme expresso por Rosa (2006), a mídia desempenha um papel crucial para os surdos, uma vez que proporciona elementos visuais e representa um meio mais acessível para compreender o conteúdo dos livros. O autor observou ainda que a mídia desempenha um papel crucial ao oferecer representações visuais das expressões e linguagem gestual utilizadas pelas pessoas surdas, o que contribui para a compreensão da cultura, identidade e comunicação através da língua de sinais. Além disso, a mídia desempenha um papel significativo no processo de ensino das crianças em relação a Libras, facilitando a associação com a leitura de livros e, conseqüentemente, estimulando o desenvolvimento da escrita.

A obra possui trinta e uma páginas e a capa já apresenta o título e os nomes das autoras em SignWriting, conforme mostra a figura 1. A primeira parte do livro inclui os agradecimentos e dedicatórias, seguidos por uma apresentação que explica a origem da obra. Ela é o resultado de anos de atuação da autora como professora em sala de aula com crianças surdas. Na estrutura do livro, a história é apresentada primeiro em língua portuguesa na página esquerda, seguida pela representação em SignWriting. Na página direita, há uma ilustração que corresponde à frase.

Figura 2 - Exemplo da estrutura do livro.



Fonte: **O Feijãozinho Surdo**. Canoas - RS: Editora da Ulbra, 2009.

Na figura 2, podemos observar a combinação harmoniosa entre a escrita da língua de sinais, a linguagem verbal e as ilustrações, formando uma narrativa acessível e inclusiva. Essa integração tem como objetivo transmitir a história de maneira completa para diferentes tipos de leitores, sejam eles ouvintes ou surdos.

Ramos (2011) ressalta que:

[...]quando se fala em imagem no caso do livro infantil contemporâneo, ela não se resume apenas às ilustrações. Está relacionada à definição de um projeto gráfico que estabelecerá os tipos de letras a serem usados, o tamanho, o espaçamento e o entrelinhamento delas; definirá ainda o ritmo do texto nas páginas, o que sugerirá o andamento da leitura; pensará a forma de integração entre o texto e as ilustrações; escolherá o tipo de papel que servirá de suporte e os recursos técnicos a serem utilizados na mecânica do livro (RAMOS, 2011, p. 30).

Ainda de acordo com a autora, o objetivo do planejamento visual gráfico é tornar a mensagem mais clara, atraente e transformar o livro em algo que encante e surpreenda. Para o leitor-criança contemporâneo, esse desafio é ainda maior, já que as crianças nascidas a partir do final dos anos 1980 estão imersas na cultura audiovisual e constantemente expostas a diversos estímulos visuais (2011, p. 30).

Alguns dos desenhos presentes utilizam flechas que indicam movimentos, enfatizando a dimensão visual e gestual essencial para a compreensão da língua de sinais. Esse recurso permite que a leitura seja mais dinâmica e que os leitores surdos consigam interpretar as ações dos personagens com maior clareza.

Conforme Ramos (2011), embora o mundo da ilustração tenha se beneficiado dos avanços tecnológicos da informática e da sofisticação gráfica moderna, o desenho ainda é considerado pela autora como a base essencial para criar imagens que resultem em bons livros infantis. É por meio do desenho que se torna possível contar visualmente uma boa história, enriquecendo a experiência das crianças com a leitura. Essa ideia se reflete claramente no meu objeto de estudo, onde as ilustrações apresentam traços simples e remetem ao imaginário infantil, assemelhando-se a desenhos feitos por crianças. Esse estilo facilita a identificação do leitor com a obra, enriquecendo a experiência e promovendo uma conexão mais próxima com a narrativa visual.

As frases curtas ao longo do texto são outro aspecto relevante, pois facilitam a compreensão, garantindo que leitores em processo de alfabetização, tanto em português quanto na escrita de sinais, possam acompanhar a narrativa sem dificuldade.

O livro surgiu com propósitos pedagógicos, impulsionado pelo desejo de KUCHENBECKER (2009), em melhorar o ensino-aprendizagem de seus alunos no contexto educacional. Ao apresentar a história **O Feijãozinho Surdo** para seus alunos

da 3ª série do Ensino Fundamental, com idades entre 9 e 15 anos, a autora se surpreendeu e se encantou ao ver o brilho nos olhos das crianças durante a narrativa. Elas expressaram diversos comentários, como:

"Quando eu tinha quatro anos e aprendi a língua de sinais, a minha mãe me olhava e não entendia o que eu sinalizava, igual ao feijãozinho"; "Feijãozinho tem pais juntos e os meus são separados"; "A fada foi legal porque ajudou o Feijãozinho fazendo a mágica da língua de sinais"; "Com certeza o Feijãozinho vai para a escola de feijões surdos"; "O Feijãozinho também pode estudar na escola de feijões ouvintes, porque lá também tem intérprete"; "Na escola de feijões ouvintes tem um feijão surdo sozinho. Se o Feijãozinho estudar junto, o outro não ficará mais sozinho"; "Eu quero que o Feijãozinho venha estudar na minha escola, porque aqui é melhor, têm muitos surdos"; "É muito legal a história do feijãozinho". (KUCHENBECKER, 2009, p. 4-5).

A autora percebeu o quanto os alunos se identificaram com a história. Encorajada por colegas e professores, decidiu então publicar a obra **Feijãozinho Surdo**, visando proporcionar identificação a outras crianças surdas. Este livro foi concebido pensando especificamente nas crianças surdas, com o intuito de que se vejam representadas. A obra aborda a alegria da maternidade e da paternidade, bem como a preocupação e a angústia que os pais ouvintes enfrentam ao descobrirem a surdez de seu filho. O livro ressalta a importância de a criança surda ter acesso ao aprendizado da Língua de Sinais para seu desenvolvimento linguístico e cognitivo. Tudo isso é apresentado de forma simples e visual, em um conto infantil.

O livro narra a história de um feijão que nasce surdo, tendo pais ouvintes. Os pais percebem que seu filho, o feijãozinho, apresenta algumas reações diferentes e sentem-se perdidos sobre como lidar com a situação. Com a ajuda de uma "fada", descobrem que o feijãozinho é surdo e, por meio dela, o feijãozinho aprende a se comunicar por sinais, enquanto os pais também começam a usar sinais para interagir com o filho. Por intermédio da fada, os pais tomam conhecimento de duas escolas onde o feijãozinho poderá estudar: uma com feijões ouvintes e intérpretes de Libras, e outra com feijões surdos e professores fluentes em Língua Brasileira de Sinais. Assim, surge o início de uma nova jornada... Qual escola o feijãozinho escolherá?

2. EDUCAÇÃO BILÍNGUE E LITERATURA INFANTIL SURDA

Integrar os conceitos de educação bilíngue e literatura infantil surda é essencial para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que reconheçam e valorizem plenamente a comunidade surda. Essa articulação não apenas promove a inclusão linguística e cultural dos surdos, mas também enriquece o ambiente educacional ao oferecer recursos que refletem a diversidade e singularidade dessa comunidade. Ao incorporar a literatura infantil surda como parte integrante do currículo bilíngue, os educadores podem proporcionar experiências de aprendizado mais autênticas e significativas, contribuindo para o fortalecimento da identidade surda e o empoderamento dos estudantes surdos.

Sob a perspectiva da educação bilíngue, este capítulo discute a importância da apropriação do conhecimento pelo aluno surdo. Esse modelo educacional busca oferecer o melhor resultado na educação desses alunos, reconhecendo a necessidade de uma abordagem que valorize e integre tanto a língua de sinais quanto a língua escrita. Assim, a educação bilíngue visa proporcionar um ambiente de aprendizado que atenda às necessidades linguísticas e culturais dos estudantes surdos, promovendo seu pleno desenvolvimento. Conforme Skliar (2013), tornar a língua de sinais acessível a todos os surdos deve ser o princípio fundamental de uma política linguística, a partir do qual é possível sustentar um projeto educacional mais abrangente.

Segundo Machado (2006), nas pesquisas realizadas no campo dos Estudos Surdos, com a participação de pesquisadores surdos, bilíngues e intérpretes de língua de sinais, promovidas pela CAPES/PROESP (2003-2008) na Universidade Federal de Santa Catarina, observa-se que o bilinguismo começou a ser introduzido na década de mil novecentos e noventa, sendo uma proposta relativamente recente com poucas experiências implementadas. O autor destaca que, na perspectiva bilíngue, é essencial garantir condições adequadas para o desenvolvimento dos sujeitos surdos, incluindo o uso da Língua de Sinais como principal meio de comunicação e ensino, a formação de professores nessa língua e na cultura surda, a elaboração de um currículo que considere as especificidades dos alunos surdos e sua cultura, além do estudo das línguas com a aplicação de métodos contrastivos entre os sistemas linguísticos, critérios de equivalência entre Libras e Português nas correções escritas

na língua portuguesa, e a promoção da organização da comunidade surda e de suas manifestações culturais.

De acordo com Skliar (2013), a surdez é uma vivência visual, o que demonstra que todos os mecanismos de processamento de informações e todas as maneiras de compreender o mundo ao redor se desenvolvem como experiência visual. Portanto, são necessárias uma análise crítica e uma reconstrução das abordagens didáticas, do conhecimento, tanto escolar quanto não escolar e das interações que as influenciam.

2.1. Educação bilíngue libras-português

Na década de 1980, o Brasil testemunhou a redemocratização da sociedade, destacando-se a promulgação da Constituição Federal de 1988 (CF 88), que advogou pela democratização do ensino público em todas as suas formas. A CF 88 foi pioneira ao reconhecer as crianças como sujeitos de direitos e estabelecer a obrigatoriedade da oferta de vagas em creches e pré-escolas para todas as famílias que optassem. Posteriormente, na década de 1990, foi promulgado o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei Federal N° 8.069/1990, compartilhando com a sociedade a responsabilidade pela garantia dos direitos da infância e adolescência.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 (LDB), Lei N° 9394/96, uniformizou o termo "Educação Infantil" para as instituições de atendimento às crianças de 0 a 6 anos. Além disso, definiu a Educação Infantil como a primeira etapa da Educação Básica, conferindo à infância um espaço educacional próprio. Atualmente, a Educação Infantil é um direito da criança, incumbência do Estado, fase inicial da Educação Básica, responsabilidade dos municípios e escolha das famílias para crianças de zero a três anos.

A Emenda Constitucional EC 59/2009 (BRASIL, 2009), estabeleceu a obrigatoriedade e gratuidade da Educação Básica dos 4 aos 17 anos de idade, exigindo que os profissionais tenham formação mínima em magistério de nível médio e, posteriormente, formação superior em cursos de Pedagogia. Essas legislações representam avanços significativos na garantia dos direitos das crianças, inclusive no âmbito da Educação Bilíngue de Surdos, ao reconhecer a necessidade de uma educação inclusiva e de qualidade para todos os alunos, independentemente de suas diferenças linguísticas e culturais.

Pessoas surdas enfrentam muitos desafios na escola por conta da perda auditiva e de como as escolas organizam o ensino. Elas podem ser prejudicadas de várias maneiras, como falta de estímulos que ajudem no desenvolvimento cognitivo, social, emocional, linguístico e cultural.

Apesar dos avanços legais em defesa da infância e da Educação Infantil, ainda é crucial implementar ações concretas nas políticas sociais para assegurar os direitos das crianças e garantir uma educação de qualidade no Brasil. No contexto da educação de crianças surdas, isso inclui uma abordagem inclusiva que reconheça e valorize a contribuição dos professores, instrutores e educadores surdos, que possuem saberes únicos e complementares aos dos educadores ouvintes. É fundamental promover uma colaboração efetiva entre ambos para desenvolver propostas educacionais que atendam às necessidades específicas das crianças surdas e garantam seu pleno desenvolvimento.

A Educação Bilíngue no Brasil atualmente é reconhecida não apenas como uma necessidade para os alunos surdos, mas também como um direito fundamental. Esse modelo educacional visa garantir que os alunos surdos tenham acesso a uma educação de qualidade, que respeite e valorize sua língua e cultura. A abordagem bilíngue busca proporcionar um ambiente de aprendizado que inclua tanto a língua de sinais quanto a língua majoritária do país, permitindo que os alunos surdos se desenvolvam plenamente em ambas as línguas e alcancem seu máximo potencial acadêmico e social.

Os surdos desenvolveram e transmitiram, ao longo das gerações, uma língua cuja modalidade de recepção e produção é visuogestual, sendo a Língua de Sinais um processo e um produto construído historicamente e socialmente pelas comunidades surdas (SKLIAR, 2013, p. 24). A Língua de Sinais surge naturalmente do contato com outras pessoas que a utilizam, de forma espontânea. Assim como a língua oral é adquirida através do convívio com falantes, os surdos têm o direito de ser ensinados em sua língua materna, que é a língua de sinais (SKLIAR, 1997).

Atualmente, com a incorporação da Língua Brasileira de Sinais (Libras) no currículo, graças ao Decreto nº 5.626/05 que regulamenta a Lei nº 10.436/02, foi estabelecido um sistema educacional bilíngue. Isso reconhece a Libras como primeira língua (L1) e o português como segunda língua (L2) para surdos, seguindo o que está

no Plano Nacional de Educação (Lei nº 13.005/14) e na Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/15).

Recentemente, a Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021, modificou a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, a LDB, com o intuito de abordar a questão da educação bilíngue de surdos. Essa atualização tem como objetivo principal a inclusão, no artigo 3º da LDB, do princípio do respeito à diversidade humana, linguística, cultural e identitária das pessoas surdas, surdo-cegas e com deficiência auditiva.

Esse novo capítulo acrescentado à LDB, trata especificamente da Educação Bilíngue de Surdos, a qual é definida como uma modalidade de ensino ministrada em Língua Brasileira de Sinais (Libras) como primeira língua, e em português escrito como segunda língua. De acordo com o texto, essa forma de educação pode ser implementada em diferentes tipos de instituições e destina-se a alunos surdos, surdo-cegos, com deficiência auditiva sinalizantes, surdos com altas habilidades ou superdotação, ou com outras deficiências associadas, desde que optem pela modalidade de educação bilíngue de surdos.

Ademais, a lei prevê a disponibilização de serviços especializados de apoio educacional, como o atendimento educacional especializado bilíngue, para atender às necessidades linguísticas específicas dos estudantes surdos. Por fim, determina-se que a oferta da educação bilíngue de surdos tenha início no primeiro ano da educação infantil e prossiga ao longo da vida do estudante.

Nesse sentido, Heinzelmann (2023), destaca que:

A proposta bilíngue para os surdos considera a língua de sinais como a primeira língua das pessoas surdas e, a partir dela, inicia-se o ensino da segunda língua, que, no caso do Brasil, é o português, que pode ser de modalidade escrita ou oral. O bilinguismo tem como pressuposto básico, que o surdo deve ser bilíngue, ou seja, deve adquirir, como língua materna, a língua de sinais, que é considerada a língua natural dos surdos, e a língua oficial de seu país (HEINZELMANN, 2023, p. 69).

A Lei também estabelece que a educação bilíngue de surdos deve ser oferecida sem interferir no direito de matrícula em escolas regulares, conforme a escolha do estudante ou de seus responsáveis legais. Além disso, o Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015), assegura o acesso a tecnologias assistivas para surdos oralizados. O Artigo 60-B estabelece que os sistemas de ensino devem garantir materiais didáticos e professores bilíngues capacitados para atender às necessidades linguísticas específicas dos alunos surdos.

Lebedeff (2010) aponta que “o letramento visual para os surdos precisa ser compreendido, também, a partir de práticas sociais e culturais de leitura e compreensão de imagens. Por exemplo, não basta ser surdo para ‘ler’ uma imagem, assim como não basta ser ouvinte para apreciar um sarau de poesias” (2010, p. 179).

Em seu livro **Letramento Visual e Surdez**, Lebedeff (2017) destaca que a expressão “povo do olho” se refere a uma condição diferenciada de experiências visuais. A partir disso, ela defende que a educação de pessoas surdas deve ser fundamentada nessas experiências visuais, considerando suas especificidades linguísticas, culturais e suas formas de interação e compreensão do mundo.

De acordo com Skliar, toda criança tem o direito de ser educada na sua própria língua, e, para a criança surda, essa língua é a língua de sinais (SKLIAR, 1997). Ele defende que tornar a língua de sinais acessível a todos os surdos é o começo de uma política linguística eficaz. Além disso, o autor destaca que as crianças surdas têm o direito de crescer em uma comunidade de iguais, convivendo e aprendendo com outros surdos.

Durante muito tempo a educação de surdos esteve vinculada ao paradigma da deficiência, por meio do qual as abordagens pedagógicas e os discursos associados permaneceram predominantemente dentro do contexto da educação especial. A distinção clara entre educação especial e educação de surdos é crucial para o avanço político e prático da educação bilíngue.

Skliar (1999) define a proposta de educação bilíngue para surdos como uma oposição aos métodos clínicos tradicionais que dominaram a educação deles nas últimas décadas. Sendo assim, essa perspectiva é um reconhecimento político da surdez como uma diferença.

A educação bilíngue para surdos é respaldada pela legislação atual. Diante disso, é crucial que as escolas integrem efetivamente a diversidade dos alunos em seus planos educacionais. Essa inclusão vai além do simples acesso às salas de aula; envolve garantir que o currículo seja estruturado considerando uma abordagem visual-espacial, através da qual a língua sinais seja o principal meio de comunicação.

Além disso, a educação bilíngue oferecida nas escolas deve considerar não apenas o aspecto linguístico, mas também os aspectos políticos, sociais e culturais relacionados à comunidade surda. Isso envolve não apenas ensinar a língua de sinais e o português escrito, mas também abordar questões relacionadas à identidade surda,

história da comunidade surda, cultura surda e direitos dos surdos. Essa abordagem mais ampla e holística contribui para uma educação mais inclusiva e significativa para os alunos surdos, permitindo que eles se sintam valorizados e compreendidos em sua totalidade. Conforme afirma Sá:

É fundamental que se entenda que promover uma abordagem educacional bilíngue envolve considerar não somente a necessidade de duas línguas, mas, dar espaço privilegiado e prioritário à língua natural dos surdos, bem como considerar a identidade e a cultura surda como eixo fundamental. Tais considerações certamente alterarão todo o quadro dos objetivos pedagógicos e todo o cotidiano escolar, tornando a escola de surdos uma escola totalmente diferenciada de uma escola de ouvintes, pelas características da população-alvo e de sua história [...] uma abordagem educacional precisa definir também os aspectos antropológicos, sociais, culturais, políticos, históricos e cognitivos que o orientam (SÁ, 2013, p.183-184).

Segundo a autora, muitas escolas se autodenominam "bilíngues" ao permitirem a comunicação por sinais entre surdos e professores, mas carecem de uma proposta pedagógica para introduzir a língua de sinais como primeira língua, o que afeta os objetivos pedagógicos e a dinâmica escolar (2013, p.18). Ela destaca que essas instituições negligenciam a importância do modelo linguístico na aquisição da língua e na formação da identidade surda em relação à comunidade surda. Além disso, elas acreditam erroneamente que ao aceitarem a língua de sinais, resolveram os desafios pedagógicos, o que é uma ilusão.

Todos os indivíduos têm o direito de participar da vida social, política e econômica da sociedade. E é papel da escola dar às pessoas as ferramentas básicas para que possam crescer profissional e socialmente. Nesse sentido, Freire (1999) afirma que aprender Língua Portuguesa, seja como primeira ou segunda língua, é um direito de todo cidadão brasileiro e que o ensino dessa língua é responsabilidade da escola. Se houver fracasso, ele deve ser enfrentado com uma nova abordagem, que atenda às reais necessidades do aprendiz surdo. O autor ainda destaca que para alunos surdos, a primeira língua é a Língua de Sinais, e a Língua Portuguesa é uma segunda língua com uma função social específica. Assim, o ensino da Língua Portuguesa deve ser visto como o ensino de uma língua instrumental, com o objetivo de desenvolver habilidades de leitura e produção escrita.

A educação é crucial para que o surdo possa alcançar progresso social e profissional. Quando a educação não atende as necessidades da pessoa surda, essas pessoas enfrentam o fracasso, frustração, isolamento social e, muitas vezes, acabam

abandonando a escola. A educação bilíngue de surdos promove a inclusão linguística e cultural das pessoas surdas.

Carneiro et al. (2023, p. 332) sugerem que uma educação bilíngue deve incluir políticas e propostas curriculares que reconheçam o surdo como um sujeito completo, criando um ambiente onde os estudantes surdos possam elaborar conhecimento, compreender os conteúdos escolares em língua de sinais e participar de discussões com colegas, professores surdos e professores ouvintes bilíngues, com ênfase na valorização da diferença surda.

Strobel (2008) destaca a literatura surda como uma aliada fundamental na produção e difusão da cultura surda. Segundo a autora, os artefatos culturais dos surdos englobam "tudo o que se vê e sente" ao se vivenciar a cultura de uma comunidade, incluindo materiais, vestimentas, formas de interação, tradições, valores e normas. Além disso, os Estudos Culturais mostram que o conceito de "artefatos" vai além do material, abrangendo as produções subjetivas que expressam a forma particular de um grupo ser, ver, entender e transformar o mundo.

Segundo a autora, "o primeiro artefato cultural da cultura surda é a experiência visual, em que os sujeitos surdos percebem o mundo de maneira diferente, o que provoca reflexões sobre suas subjetividades: De onde viemos? O que somos? E para onde queremos ir? Qual é a nossa identidade?" (2008, p. 38).

A autora também apresenta diversos artefatos culturais que considera fundamentais para ilustrar a cultura do povo surdo, refletindo suas formas de ver, perceber e transformar o mundo (2008, p.38). Entre esses artefatos estão: experiência visual, linguagem, família, literatura surda, vida social e esportiva, artes visuais, política e materiais. Esses elementos expressam as atitudes e práticas dos sujeitos surdos em sua relação com o mundo e com sua identidade coletiva.

Apoiamo-nos em Strobel (2008), quando aponta a literatura surda como um importante artefato cultural:

[...] a literatura surda, ela traduz a memória das vivências surdas através das várias gerações dos povos surdos. A literatura se multiplica em diferentes gêneros: poesia, história de surdos, piadas, literatura infantil, clássicos, fábulas, contos, romances, lendas e outras manifestações culturais [...] A literatura surda refere-se às várias experiências pessoais do povo surdo que, muitas vezes, expõem as dificuldades e ou vitórias das opressões ouvintes, de como se saem em diversas situações inesperadas, testemunhando as ações de grandes líderes e militantes surdos e sobre a valorização de suas identidades surdas (STROBEL, 2008, p. 6).

Além disso, a autora ressalta que um traço comum a todos os seres humanos é o fato de sermos, cada um de nós, artefatos culturais, pois nossas práticas, crenças e modos de ser refletem e ilustram a cultura à qual pertencemos. Nesse sentido, a literatura surda não apenas representa a cultura dos surdos, mas também evidencia como as identidades são construídas e compartilhadas socialmente, fortalecendo a compreensão e o reconhecimento da diversidade cultural.

Dessa forma, a literatura surda não apenas preserva e transmite a memória coletiva das vivências do povo surdo ao longo das gerações, mas também se torna um meio poderoso de afirmação identitária e resistência cultural. Por meio de seus diversos gêneros, ela expressa as lutas, conquistas e experiências cotidianas dos surdos, promovendo uma compreensão mais profunda de suas realidades e fortalecendo a valorização de sua identidade. Assim, a literatura surda vai além do entretenimento, assumindo um papel essencial na construção e difusão da cultura surda, ao mesmo tempo em que educa e inspira tanto a comunidade surda quanto a sociedade em geral.

Segundo Strobel (2008), outro importante artefato cultural linguístico que vem sendo difundido é o sistema de escrita para a língua de sinais, conhecido como SignWriting. Este sistema representa um marco histórico significativo para a comunidade surda, uma vez que, no passado, a língua desse povo era considerada ágrafa. No capítulo seguinte, será realizada uma análise mais aprofundada sobre o SignWriting, abordando suas principais características, transformações ao longo de sua trajetória, especificidades e sua inserção no ambiente escolar.

2.2. Literatura surda como ação pedagógica:

O livro **O Feijãozinho Surdo** é um exemplo de obra bilíngue que contribui para a construção de conhecimento e para a convivência entre diferentes línguas e culturas.

Aqui serão discutidas as possibilidades de utilização de obras literárias em projetos pedagógicos que fomentem o bilinguismo e desenvolvam habilidades de leitura crítica e apreciação estética. A investigação também busca demonstrar que a mediação de leitura, especialmente com materiais bilíngues e ilustrados, é uma

estratégia poderosa para promover o respeito à diversidade cultural e linguística, fortalecendo a inclusão e a identidade de todos os envolvidos no processo educativo.

Os aspectos visuais da literatura infantil surda são essenciais, especialmente em livros ilustrados voltados para surdos, como é o caso do objeto de estudo analisado, no qual a imagem desempenha um papel crucial na mediação da leitura. A ideia de educar o olhar para a leitura de imagens é um processo fundamental no letramento literário e visual, pois as ilustrações não apenas complementam a narrativa, mas também oferecem contextos que facilitam a compreensão e a interpretação das histórias. O que segundo Santaella:

[...] visual literacy, “letramento visual” ou “alfabetização visual”. Se levada a sério, essa expressão deveria significar que, para lermos uma imagem, deveríamos ser capazes de desmembrá-la parte por parte, como se fosse um escrito, de lê-la em voz alta, de decodificá-la, como se decifra um código, e de traduzi-la, do mesmo modo que traduzimos textos uma língua para outra (SANTAELLA, 2012, p.12).

No caso de obras destinadas ao público surdo, essas imagens se tornam ferramentas indispensáveis, permitindo que as crianças se conectem emocionalmente com o conteúdo e desenvolvam um entendimento mais profundo da história. Assim, ao integrar elementos visuais de forma eficaz, essas publicações não apenas promovem o letramento, mas também reforçam a identidade surda, possibilitando uma experiência de leitura mais rica.

Graça Ramos, em sua obra **“A imagem nos livros infantis – caminhos para ler o texto visual”**, destaca que “a arte da ilustração, pode ser feita de imagens, fundamenta-se na criação de representações que substituem seres, coisas, sentimentos ou ações” (2011, p.16). Ela também ressalta que a simbolização do real é essencial para o desenvolvimento humano, especialmente na infância, que está repleta de signos e símbolos fundamentais para a formação do indivíduo. Por isso, os livros ilustrados têm grande importância, pois mostram como esses símbolos podem ser representados e compreendidos.

Rildo Cosson, em seu livro **Letramento Literário: teoria e prática**, propõe uma sequência básica para o letramento literário na escola, composta por quatro etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação.

Segundo o autor, a motivação é o primeiro passo e tem como objetivo preparar o aluno para se conectar com a obra, despertando seu interesse e curiosidade. Em seguida, a introdução envolve a apresentação do autor e da obra, com informações

básicas que contextualizam o texto. O autor enfatiza que nesse momento, é importante que o professor mostre o livro físico, destacando elementos como a capa, a orelha e outros paratextos, estimulando a observação atenta dos alunos. A leitura precisa ser orientada por um propósito claro, garantindo que o objetivo da atividade não se perca durante o processo. Por fim, a interpretação se dá por meio da construção do sentido do texto, a partir de inferências que promovem um diálogo entre autor, leitor e comunidade, enriquecendo a experiência literária.

A sequência básica do letramento literário proposta por Rildo Cosson (2006), oferece um caminho metodológico que pode ser aplicado na escolha e uso de obras como **O Feijãozinho Surdo**. Esse livro bilíngue, que combina texto em português, Libras e SignWriting, se encaixa perfeitamente em cada etapa sugerida pelo autor, possibilitando uma experiência rica e inclusiva tanto para crianças surdas quanto ouvintes.

A motivação, por exemplo, pode envolver a apresentação do tema da surdez e da importância da inclusão, despertando o interesse dos alunos para a leitura. Na introdução, explorar os elementos paratextuais do livro, como capa e ilustrações, é essencial para envolver as crianças e permitir que se familiarizem com a obra. Durante a leitura guiada e com um objetivo claro, é possível trabalhar a relação entre os sinais em Libras o texto em português e a escrita de sinais que está posta no livro, promovendo o bilinguismo e a compreensão cultural. Por fim, a etapa da interpretação vai permitir que os alunos, por meio de discussões e reflexões, construam sentidos a partir da obra e das experiências nela representadas, fortalecendo o diálogo entre culturas e identidades surdas.

As ilustrações presentes na obra não são meros complementos, mas parte essencial do processo educativo, oferecendo recursos visuais que facilitam a compreensão da história e estimulam a interação. Essas imagens têm um grande potencial para serem exploradas em projetos de leitura, permitindo que crianças surdas e ouvintes construam conhecimento juntas, desenvolvendo habilidades de interpretação e valorizando a diversidade cultural e linguística. Essa representação incentiva a convivência harmônica entre diferentes culturas.

Na imagem 3, apresentada abaixo, podemos observar a diversidade representada entre os personagens, o que abre espaço para discussões sobre identidade, inclusão e relações étnico-raciais. A variação nas cores e características

dos feijõezinhos permite trabalhar com as crianças a importância de respeitar e valorizar as diferenças, além de reforçar a ideia de que cada cultura tem seu valor e

Figura 3 - Exemplo de diversidade representada entre os personagens.



Fonte: **O Feijãozinho Surdo**. Canoas - RS: Editora da Ulbra, 2009

merece reconhecimento. A ilustração se alinha com práticas interdisciplinares, permitindo que conceitos de cidadania, igualdade e empatia sejam integrados ao desenvolvimento do letramento visual e literário.

A seleção de obras bilíngues é um passo essencial na elaboração de práticas pedagógicas inclusivas. A mediação de leitura, quando bem planejada, pode envolver as crianças de forma ativa, estimulando-as a participar, questionar e compartilhar suas percepções. Nesse contexto, o papel do educador é criar um ambiente onde ambas as línguas, português e Libras sejam usadas e respeitadas, promovendo um aprendizado significativo para todos.

Figura 4 - Integração de texto, escrita de sinais e ilustração na página dupla de "O Feijãozinho Surdo".



Fonte: **O Feijãozinho Surdo**. Canoas - RS: Editora da Ulbra, 2009

Na figura 4, podemos observar na página dupla uma integração de texto verbal, escrita de sinais e ilustrações. O texto em português, localizado à esquerda, dá continuidade à história, permitindo que leitores ouvintes e surdos alfabetizados em português acompanhem a narrativa e desenvolvam suas habilidades de leitura e interpretação. Logo abaixo, a história também é apresentada em escrita de sinais (SignWriting), oferecendo a possibilidade de leitura para surdos sinalizantes e valorizando a Libras, reforçando assim a importância da educação bilíngue.

A ilustração à direita complementa a narrativa ao apresentar personagens expressivos, como a fada e os feijõezinhos, que trazem um tom lúdico, fundamental para a compreensão das crianças, especialmente aquelas que se beneficiam de estímulos visuais. A imagem da fada apresentando as escolas sugere uma valorização da diversidade e inclusão no ambiente escolar. A ilustração aborda uma dúvida comum entre muitos pais de crianças surdas: qual tipo de escola escolher para seus filhos. De um lado a escola inclusiva, a criança surda pode interagir com crianças ouvintes, o que contribui para sua vivência na sociedade em geral, onde a maioria das pessoas são ouvintes. Do outro lado, uma escola exclusiva para surdos, a criança se sente parte de um grupo, cercada por outras pessoas com experiências semelhantes, incluindo professores e profissionais surdos. Isso a integra à comunidade surda, valoriza sua cultura e oferece referências positivas, facilitando seu aprendizado da língua de sinais.

A forma como a página é organizada, permitindo que o livro seja lido de um lado ao outro, cria uma conexão entre o texto, a escrita de sinais e as ilustrações, tornando a narrativa mais clara e acessível.

Essa combinação reforça a importância da educação inclusiva e multicultural, ao apresentar personagens e cenários diversos e respeitar diferentes formas de compreensão. A união entre texto, sinais e imagens promove uma leitura fluida e significativa, valorizando a identidade surda e mostrando como a literatura pode integrar múltiplas linguagens para atender a diferentes públicos e fomentar a construção de identidades.

Santaella (2012), destaca que:

No contexto institucional da escola, alfabetização visual significa desenvolver sistematicamente as habilidades envolvidas na leitura de imagens, de modo a levar ao compartilhamento de significados atribuídos a um corpo comum de informações. Ainda bastante presas à ideia de que o texto verbal é o grande transmissor de conhecimentos,

as escolas costumam negligenciar a alfabetização visual de seus educandos. (SANTAELLA, 2012, p.14).

Desse modo, o letramento visual na escola supera a primazia do texto escrito, que Santaella critica, mostrando que as imagens também são importantes para o aprendizado. Assim, ao trabalhar a alfabetização visual de forma integrada, as crianças têm a oportunidade de compartilhar experiências e desenvolver habilidades críticas e interpretativas que são essenciais para sua formação. No livro, há informações que só podem ser compreendidas através das imagens. Santaella menciona que o ser humano é cercado por imagens em todos os momentos do dia, inclusive nos sonhos enquanto dorme. Portanto, é fundamental que as imagens tenham a importância cognitiva que merecem nos processos de ensino e aprendizagem nas escolas (2012, p.14).

De acordo com Rosa (2006):

O livro é importante para todos aprenderem e estudarem, pois tem papel importante no contato das crianças com os mesmos. As crianças surdas desenvolvem aprendizagens através da leitura e da experiência visual, porém sozinhas não têm poder de se formar como leitoras e de serem também leitoras visuais – necessitam do livro, de textos e de imagens para que possam desenvolver sua capacidade visual e de leitura. As crianças precisam encontrar significados que ultrapasse o sentido da leitura escolar [...] (ROSA, 2006, p.59).

Dessa forma, Santaella explica que a linguagem verbal e a ilustração se complementam, de modo que uma não pode substituir completamente a outra. Ao utilizar a linguagem verbal para interpretar imagens, não se está impondo a elas um significado estranho, mas revelando características próprias da natureza delas (2012, p. 13). Portanto, para a autora:

[...] a alfabetização visual significa aprender a ler imagens, desenvolver a observação de seus aspectos e traços constitutivos, detectar o que se produz no interior da própria imagem, sem fugir para outros pensamentos que nada têm a ver com ela. Ou seja, significa adquirir os conhecimentos correspondentes e desenvolver a sensibilidade necessária para saber como as imagens se apresentam, como indicam o que querem indicar, qual é o seu contexto de referência, como as imagens significam, como elas pensam, quais são seus modos específicos de representar a realidade. (SANTAELLA, 2012, p.13).

A alfabetização visual, segundo a autora, vai além da simples leitura de imagens, envolvendo a interpretação de seus aspectos, contexto e formas de transmitir significados. O objetivo é desenvolver uma leitura crítica, entendendo como

as imagens representam a realidade e comunicam ideias específicas, sempre com foco nos elementos que as constituem.

Esse processo é evidente no livro **O Feijãozinho Surdo**, de Liège Gemelli Kuchenbecker, que promove práticas de letramento literário e bilinguismo por meio da literatura infantil voltada para surdos. As imagens no livro não se limitam a ilustrar a narrativa, mas atuam como partes essenciais do enredo, ampliando o significado tanto do texto em português quanto da escrita de sinais. Elas oferecem pistas visuais fundamentais para a compreensão da história, especialmente para crianças que se orientam principalmente por meio de estímulos visuais.

Por exemplo, na página analisada acima, a interação da fada e dos feijõezinhos com o ambiente escolar vai além de uma simples ilustração: ela reforça a mensagem de inclusão e diversidade, sugerindo diferentes formas de educação para surdos. A alfabetização visual se manifesta quando o leitor consegue interpretar essas imagens, captando não apenas os personagens e cenários, mas também a mensagem implícita de respeito e integração.

Trabalhar com materiais desse tipo desenvolve nos alunos a habilidade de "ler" imagens criticamente, entendendo como elas se relacionam com outros textos presentes na obra. Esse processo é essencial para a formação de crianças surdas, que muitas vezes acessam o mundo principalmente pela linguagem visual, destacando a importância da alfabetização visual como uma prática pedagógica indispensável em contextos bilíngues e inclusivos.

Como afirma Graça Ramos, "para conseguirmos 'ler' uma narrativa imagética, acredito ser necessário modificar nossa aproximação aos livros, ainda focada na alfabetização textual" (2011, p. 41). A autora compartilha sua experiência pessoal, relatando que, devido a uma perda auditiva, seu processo de alfabetização foi diferente do convencional, sendo auxiliada principalmente por recursos visuais. Ela destaca que, para ela, os livros sempre foram mais atraentes pelas ilustrações, antes mesmo de serem lidos de forma textual.

Lebedeff (2010, p. 176) destaca que, embora os surdos sejam frequentemente descritos como sujeitos visuais, essa característica não tem sido adequadamente valorizada nas práticas pedagógicas. Tanto professores ouvintes quanto surdos costumam deixar de desenvolver propostas educativas voltadas para as necessidades visuais dos alunos surdos. A autora salienta que, essa discrepância entre o discurso

que (reconhece os surdos como sujeitos visuais) e a prática pedagógica é evidente tanto nas escolas regulares com alunos surdos incluídos quanto nas turmas específicas para surdos, independentemente do perfil do professor (2010, p. 176-177).

A autora observa que, embora na comunidade surda onde atuou houvesse um discurso favorável à educação visual baseada na experiência visual, essa perspectiva não se refletia nas práticas pedagógicas. Como supervisora de estágio no ensino médio e nos anos iniciais de acadêmicos surdos, ela constatou que as estratégias de letramento visual não eram efetivamente incorporadas. Em vez disso, havia uma tendência predominante de reproduzir atividades voltadas para ouvintes, com poucas iniciativas voltadas para o letramento visual e a valorização da cultura surda.

Nesse sentido, diversos autores destacam a necessidade de implementar estratégias e atividades visuais que promovam o letramento visual dos surdos com base em suas experiências visuais. No entanto, o que se observa nas escolas de estágio que atendem tanto surdos quanto ouvintes é justamente o oposto: os alunos surdos são frequentemente desassistidos, e não há uma estrutura curricular adequada que contemple a língua de sinais e valorize sua experiência visual. Cada vez mais, ao longo do século XXI, pesquisas têm surgido com o objetivo de compreender como as produções literárias são abordadas no currículo das escolas para surdos.

Renata Ohlson Heinzelmann, em **Literatura surda no currículo das escolas de surdos**, reflete sobre como as produções literárias direcionadas à comunidade surda podem ser inseridas de maneira significativa no currículo escolar. A autora utiliza a metáfora do "baú literário" para destacar que, embora a literatura surda seja cada vez mais produtiva, ainda há muito a ser explorado dessa riqueza, que nem sempre é adequadamente trabalhada nas escolas. Ela aponta diversos fatores para isso, como os materiais disponíveis para os alunos surdos, as produções literárias que circulam nas escolas bilíngues, as próprias produções literárias dos alunos surdos e o uso de tecnologias de comunicação, já que a cultura visual do surdo exige essa abordagem para favorecer o aprendizado da leitura e escrita, especialmente por meio da produção criativa.

Segundo Heinzelmann, "discutir a literatura surda inserida no currículo escolar é pensar também sobre as possibilidades infinitas de acesso à literatura, e romper com o estereótipo atribuído aos surdos de "não gostar de ler" devido a sua escrita do

português” (2023, p. 25). Porém, na literatura surda, existem registros em vídeo disponíveis na internet que exploram diferentes gêneros, utilizando recursos como legendas em português, a janela com tradutor/intérprete de Libras, imagens e a voz. Esses recursos buscam ampliar o acesso e a compreensão da produção literária surda, oferecendo múltiplas formas de interação com o conteúdo, respeitando as características da cultura visual e linguística da comunidade surda. No entanto, segundo a autora, é necessário pensar em práticas pedagógicas que considerem as necessidades e os interesses individuais de cada aluno, dentro de um contexto coletivo.

Ramos (2011) destaca que, embora já exista uma longa tradição de interpretação da palavra escrita, ainda há muito a avançar no desenvolvimento de práticas voltadas para a interpretação de imagens. A autora observa que a leitura de livros com imagens voltados para a infância ainda enfrenta desafios, especialmente devido a uma falha no processo de alfabetização, que está fortemente ancorado na tradição da escrita (2011, p.40).

Desse modo, Ramos (2011) relata:

Pequena, fui estimulada por meu pai, à época professor de ensino secundário, e por tias-professoras a “contar” tudo o que via. Esse treino com as imagens provocou também um exame mais atento do ambiente [...] serviu também como uma introdução à arte do olhar. Ver e descrever cenários são maneiras de selecionar o que impressiona e descartar o que não produz sentido. Enrolar as palavras, mas dar conta de expressar o visto, o vivido e o imaginado ajuda a elaborar um discurso sobre o real, a criar um jeito de falar e pensar próprio de cada um quando se é criança. Qualquer leitor de imagens poderá dar conta de exercer essa liberdade. No meu caso, a partir do exercício de olhar, o importante era identificar coisas, dar nome, relacionar imagens e memórias. Com os anos, passei a associar a leitura com a descoberta de novas paisagens (RAMOS, 2011, p. 47-48).

A experiência relatada por Ramos (2011) dialoga com as reflexões de Taveira e Rosado (2017), que apontam a necessidade de ampliar o tempo e o espaço dedicados à codificação e decodificação de mensagens visuais em práticas pedagógicas de letramento e alfabetização visual. Esse processo, que envolve tanto a experiência dos sujeitos quanto suas interpretações de mundo, é fundamental para a seleção, leitura e atribuição de significado às imagens. Além disso, destaca-se que a adequação dos objetos educativos ao meio cultural e social desempenha um papel crucial na comunicação e no processo de ensino e aprendizagem.

Então, ser letrado para um surdo envolve a compreensão e a utilização de didáticas visuais diferenciadas que respeitem e integrem a cultura surda.

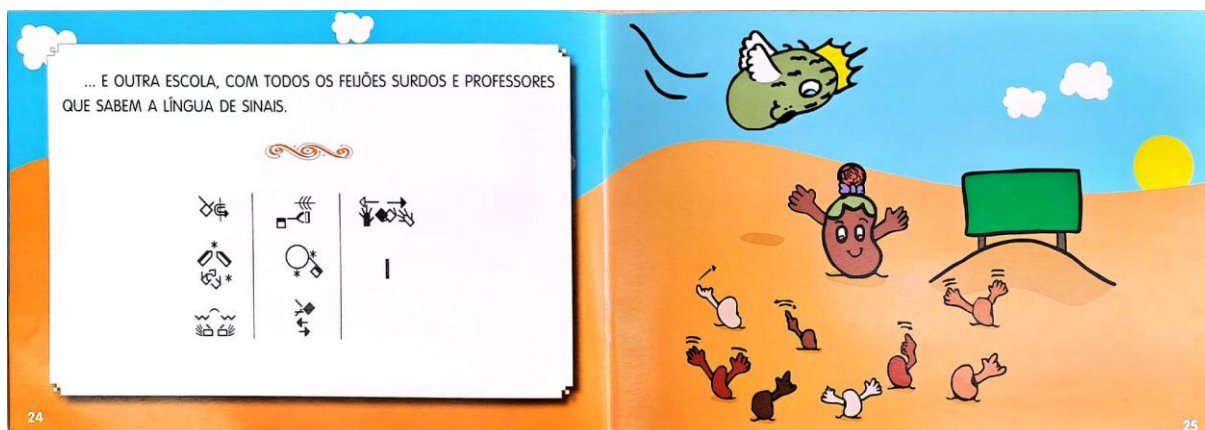
Taveira e Rosado (2017) elencam alguns pontos sobre o que significa ser letrado para o sujeito-ator surdo, destacando quatro pontos fundamentais. Primeiramente, os autores ressaltam a importância do artista e do professor surdo como elementos centrais na construção de uma didática voltada à invenção surda. Essa abordagem reconhece que modalidades de comunicação visual, pouco exploradas no ambiente escolar, têm o potencial de abrir caminhos para um "pensamento-imagem" intrínseco à experiência de surdos e professores ouvintes engajados com a temática.

Em seguida, destacam que, ao deslocar a centralidade da Língua Portuguesa, ganham destaque aspectos como a sinalidade, a visualidade, o corpo e a oralidade. Esse movimento aproxima a aprendizagem de situações reais e concretas, enfatizando o referente como elemento central no processo educativo.

Outro ponto abordado é a necessidade de reconhecer que a consciência visual não é inata, mas construída. Esse desenvolvimento exige um ambiente artístico, cultural e pedagógico que atribua à imagem um papel ativo como elemento educacional. Ainda que o uso do visual seja relevante no aprendizado de surdos, os autores alertam que tais habilidades não podem ser tratadas como algo natural para esses indivíduos. Elas requerem, na verdade, técnicas e informações que demandam formação teórica e prática.

Por fim, os autores observam que muitos professores e instrutores surdos demonstram habilidades ou intuições no uso do letramento visual, geralmente adquiridas por meio de trocas de experiências e práticas experimentais. Contudo, eles apontam para a necessidade de maior clareza e sistematização das práticas pedagógicas e formações voltadas ao letramento visual, de modo a garantir uma abordagem mais estruturada e eficaz no campo da educação de surdos.

Figura 5 - Conexão entre linguagens visual, verbal e cultural em "O Feijãozinho Surdo".



Fonte: **O Feijãozinho Surdo**. Canoas - RS: Editora da Ulbra, 2009.

Com base na imagem 5, é possível desenvolver as habilidades visuais e críticas dos alunos ao explorar como as linguagens visual, verbal e cultural se conectam na obra. Para isso, o professor pode pedir que os alunos observem atentamente a ilustração, identificando elementos como a professora sinalizando em Libras, os alunos atentos e o quadro verde, que representa o espaço de aprendizado. O docente pode perguntar também o que esses elementos revelam sobre o ambiente escolar apresentado e, em seguida, os alunos podem relacionar a imagem ao texto escrito do livro, que descreve uma escola inclusiva onde todos usam a Língua de Sinais, destacando como texto escrito e imagem se complementam para reforçar a ideia de inclusão.

O professor juntamente com os alunos pode discutir a relevância da Língua de Sinais para a comunidade surda e como a cena reflete um ambiente cultural e linguístico adequado. Com isso, há o incentivo a reflexões críticas, como o papel do professor nesse contexto e a importância de professores conhecerem Libras. Por fim, é importante que o professor proponha atividades criativas como imaginar e desenhar o próximo momento da aula ou criar um diálogo em Libras. Essa abordagem desenvolve a leitura crítica, valoriza a inclusão e estimula a criatividade.

3. A EXPERIÊNCIA DO LETRAMENTO LITERÁRIO E VISUAL EM O FEIJÃOZINHO SURDO

Neste capítulo, será realizada uma aproximação entre os conceitos de letramento literário e letramento infantil, destacando sua relevância para o desenvolvimento de projetos pedagógicos voltados à leitura de livros infantis ilustrados bilíngues. Esses conceitos serão analisados como ferramentas fundamentais para fomentar práticas educativas que ampliem o acesso à leitura e à escrita em contextos multiculturais e multilíngues.

No caso do objeto de estudo deste trabalho, observa-se que os temas abordados na obra analisada convergem diretamente para uma ação pedagógica que é reforçada pela própria estrutura do livro. Essa estrutura estabelece uma correlação entre três linguagens fundamentais: a escrita de sinais, a escrita da língua portuguesa e a linguagem pictórica (ilustração). Essa integração contribui não apenas para a ampliação do repertório linguístico e cultural das crianças, mas também para a valorização das diferentes formas de comunicação, promovendo um aprendizado inclusivo e significativo.

3.1. Integração da língua de sinais na narrativa:

De acordo com Aguiar e Chaibue (2015), a escrita de sinais começou a ser desenvolvida no início do século XIX, com a criação da *Mimographie*, de Bébien, um sistema de notação para a língua de sinais que foi publicado em 1825. Este sistema, embora pouco conhecido e frequentemente ignorado, é considerado um dos primeiros esforços para registrar graficamente as línguas de sinais. Bébien buscava uma forma de notação que pudesse representar os sinais de maneira sistemática e funcional.

No entanto, foi em 1965 que a escrita de sinais passou a ser reconhecida como uma prática estruturada, com a introdução da Notação de Stokoe, elaborada por William Stokoe e sua equipe na Universidade de Gallaudet. Conforme destacam os autores, esse sistema foi baseado em cinco elementos essenciais: lugar de realização do sinal, configurações de mãos, movimentos, expressões faciais e duração do sinal. Tal sistema não apenas consolidou a escrita de sinais, mas também

legitimou a American Sign Language (ASL) como uma língua com status linguístico próprio, equiparando-a às línguas orais.

Além disso, outros sistemas, como a Notação de François Neve e o Hamburg Notation System (HamNoSys), vieram complementar o panorama da escrita de sinais, sendo este último amplamente utilizado em vários países, como mencionam Aguiar e Chaibue (2015).

A ELiS (Escrita das Línguas de Sinais), criada pela brasileira Mariângela Estelita Barros em 2008, é um sistema de escrita alfabético e linear que segundo os autores Aguiar e Chaibue (2015), conta com 94 símbolos para registrar aspectos como configuração de mãos, locação, orientação, movimento e expressões não manuais. Baseada nos parâmetros de Stokoe, a ELiS oferece uma alternativa prática para o registro das línguas de sinais, promovendo o letramento e o empoderamento da comunidade surda. Apesar de ainda não ser amplamente adotada no ensino básico, a ELiS tem sido utilizada em projetos e cursos experimentais, especialmente no estado de Goiás, onde se destaca como uma ferramenta educacional e cultural relevante.

Valerie Sutton também se destaca nesse cenário, sendo a criadora do SignWriting, um sistema que se consolidou como uma ferramenta essencial para a representação gráfica de línguas de sinais. Inicialmente concebido como uma notação de movimentos de dança, o SignWriting passou a ser reconhecido como um meio eficaz para registrar qualquer língua de sinais do mundo, sem a necessidade de tradução para línguas orais. Sutton, por meio da organização Deaf Action Committee (DAC), estruturou o sistema com mais de 1900 símbolos, adaptados para serem escritos de forma vertical em editores específicos.

No Brasil, como relatam Aguiar e Chaibue (2015), o SignWriting foi introduzido em 1996 graças à parceria entre o professor Antônio Carlos da Rocha Costa, da PUCRS, e Valerie Sutton. A Dra. Marianne Rossi Stumpf, por sua vez, desempenha um papel central na disseminação do sistema no país, sendo responsável por sua implementação em escolas para surdos. Stumpf enfatiza que o SignWriting é viável para crianças surdas, por ser visualmente fonético, e defende a ampliação de seu uso como uma solução econômica e eficiente para a alfabetização visual.

Segundo a autora:

Compreender a leitura é preciso haver uma complementação entre o conhecido, que está na nossa cabeça, e o desconhecido, que está no

papel; entre o que está atrás e o que está diante dos olhos. Para que a criança surda tenha a mesma oportunidade que as crianças ouvintes de aprender a ler e escrever, é preciso que lhe seja possível proceder do texto escrito ao significado e vice-versa, sem a mediação da língua oral. Para isso é imprescindível que se permita à criança surda que ao ler, pense em sua língua de sinais e fale sobre o escrito com seus pares e com adultos leitores que usem a mesma língua (STUMPF, 2013, P. 374).

Desse modo, a escrita de sinais, especialmente por meio do SignWriting, constitui um recurso que possibilita não apenas o registro da língua de sinais, mas também promove a inclusão social e educacional. A contribuição de autores como Aguiar, Chaibue e Stumpf reforça a importância de sistemas como o SignWriting na formação e na comunicação da comunidade surda, destacando seu papel como ferramenta transformadora no ensino e na aprendizagem.

Em 1996, foi produzido o primeiro texto escrito em Libras utilizando o *SignWriting*. Trata-se da versão do livro infantil ***Uma menina chamada Kauana***, publicado originalmente pela FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos). A obra apresenta sinais representados por meio de desenhos artísticos das mãos, com o objetivo de ensinar a língua de sinais para crianças (STUMPF, 2013).

Para Pinto e Coelho (2017):

[...] qualquer língua gestual (língua de sinais) só se encontrará completa se existir a possibilidade de ser transferida diretamente para uma modalidade escrita, capaz de possibilitar o seu registro, em plenitude, e em situação de simultaneidade, tal como acontece com a maioria das línguas vocais, ou seja, quando sua condição de língua ágrafa deixar de se verificar (PINTO E COELHO, 2017, p. 68).

Os autores apontam ainda que o SignWriting representa uma oportunidade significativa para o desenvolvimento pleno da experiência visual e espacial dos alunos surdos. Esse sistema de escrita possibilita que os surdos registrem sua língua de sinais diretamente, sem depender da intermediação de uma tradução para uma língua vocal. Além disso, os autores ressaltam que o SignWriting permite aos surdos acessar e usufruir de maneira autônoma um amplo patrimônio linguístico, cultural, histórico, sociológico e comunitário, fortalecendo seu desenvolvimento pessoal, social e cultural, reconhecendo seus direitos enquanto cidadãos pertencentes a uma minoria cultural e linguística.

Em conformidade com os autores, Stumpf aponta-nos que, a escrita “[...] dá aos leitores condições de chegar às suas próprias verdades. A escrita é uma ferramenta de comunicação que, por sua natureza, permite construir um modelo

teórico a partir do real e expressa a coerência desse modelo inventando as relações entre os elementos” (2013, p. 374). Com isso, o recurso da escrita é fundamental para a construção de uma visão de mundo, pois permite o distanciamento e a reflexão sobre o que é vivido, em pensamentos mais organizados e estruturados por meio do texto.

Além disso, a autora enfatiza que:

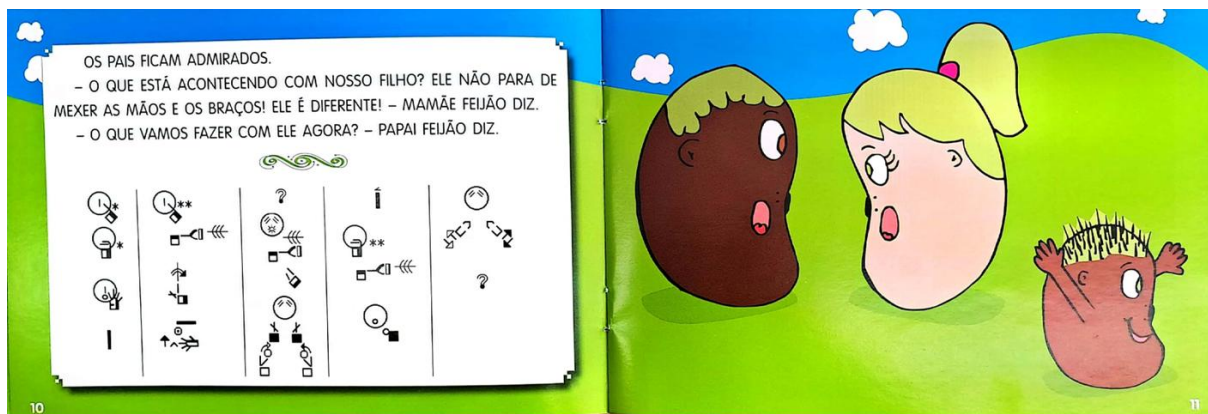
A criança estimulada a escrever busca representar pela escrita a língua pela qual se expressa. A criança surda, num primeiro momento, tenta desenhar os sinais. O código SignWriting deve ser normalmente introduzido antes da escrita do português que será ensinado em suas modalidades oral e escrita como uma segunda língua (STUMPF, 2013, p.375).

A obra de Kuchenbecker (2009) demonstra um claro compromisso com a valorização da língua de sinais e a representatividade da comunidade surda ao incluir elementos que evidenciam a comunicação visual e gestual dos personagens. Isso é percebido quando os personagens sinalizam suas vontades, fazem apontamentos e utilizam expressões corporais e faciais para retratar sentimentos. O enredo aborda a descoberta da surdez do Feijãozinho pela família, destacando as dificuldades de comunicação entre a família ouvinte e o Feijãozinho surdo.

Nesse contexto, os pais expressam surpresa e preocupação diante do comportamento do filho:

Os pais ficam admirados. - O que está acontecendo com nosso filho? Ele não para de mexer as mãos e os braços! Ele é diferente! - Mamãe feijão diz. - O que vamos fazer com ele agora? - Papai feijão diz (KUCHENBECKER, 2009, p. 10-11).

Figura 6 - Reconhecimento e aceitação da língua de sinais na identidade surda.

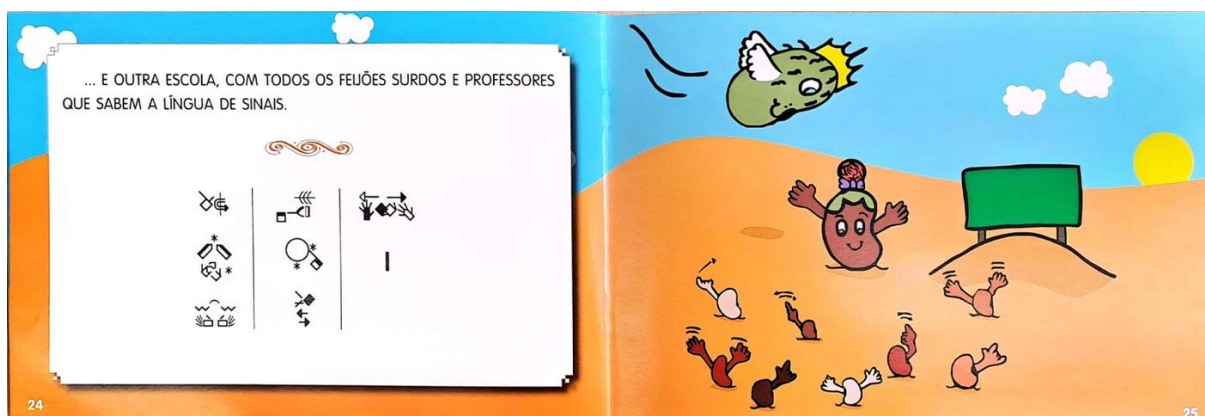


Fonte: **O Feijãozinho Surdo**. Canoas - RS: Editora da Ulbra, 2009.

A figura 6 evidencia o estranhamento inicial da família ouvinte frente à surdez e à linguagem visual do Feijãozinho, ressaltando a importância do reconhecimento e da aceitação da língua de sinais como parte fundamental da identidade surda.

O encontro surdo-surdo na obra é representado de forma significativa, como mostra a figura em que a Fada Feijão sobrevoa a Terra dos Feijões e encontra duas escolas: uma composta por feijões ouvintes com intérpretes de língua de sinais e outra formada exclusivamente por feijões surdos, com professores fluentes em língua de sinais. Essa cena destaca a importância de espaços educacionais bilíngues e inclusivos, onde a língua de sinais é a principal forma de comunicação, como é demonstrado na figura 7 a seguir:

Figura 7 - Representação do encontro surdo-surdo e a valorização da educação bilíngue.



Fonte: **O Feijãozinho Surdo**. Canoas - RS: Editora da Ulbra, 2009.

As línguas de sinais, de fato, atendem às necessidades de comunicação presencial entre os surdos, permitindo que se expressem quando estão fisicamente presentes uns com os outros. No entanto, quando a comunicação ocorre por meio da escrita, os surdos geralmente precisam recorrer à língua escrita da sociedade ouvinte em que estão inseridos, o que pode gerar desafios, já que essa escrita não corresponde diretamente à estrutura visual e espacial das línguas de sinais (STUMPF, 2013).

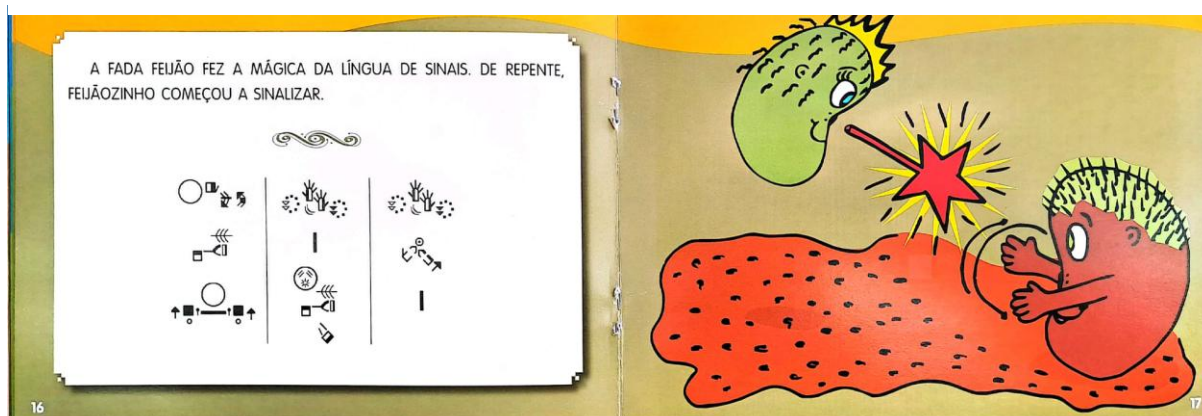
A presença de um artefato cultural surdo é evidente ao longo de toda a obra, desde a capa do livro até as páginas internas, onde o SignWriting (escrita de sinais) aparece abaixo da escrita em português, sempre posicionado no lado esquerdo. Esse detalhe valoriza a diferença linguística, destacando a língua de sinais como parte

essencial da identidade e da cultura surda, reforçando a importância de sua representatividade visual e textual.

A obra **O Feijãozinho Surdo**, de Liège Kuchenbecker, utiliza o SignWriting como uma ferramenta essencial para a escrita da língua de sinais, promovendo não apenas a acessibilidade, mas também a valorização da cultura surda. A inclusão desse sistema na narrativa permite que a língua de sinais seja registrada e apresentada de forma visual e estruturada, oferecendo ao leitor surdo a possibilidade de vivenciar a história em sua própria língua. Além disso, o uso do SignWriting na obra contribui para ampliar a compreensão da cultura surda, destacando a importância do bilinguismo e da representatividade linguística.

Sob o mesmo ponto de vista, Jorge Pinto e Orquídea Coelho apontam que o sistema de escrita SignWriting surge constituindo um centro de interesse fundamental, no âmbito da Pedagogia visual, porque se reconhece que este poderá corporizar um suporte fundamental para o desenvolvimento sociolinguístico e cultural do indivíduo surdo (2017, p. 75). Conforme os autores, o SignWriting, além de utilizar a experiência visual como base, ajuda os surdos a aprenderem tanto a Língua de Sinais quanto o português escrito. Dessa forma, ele desempenha um papel importante na inclusão de crianças, jovens e adultos surdos em uma sociedade onde a maioria das pessoas se comunica por meio da língua falada.

Figura 8 - Aprendizado da Língua de Sinais de forma lúdica.



Fonte: **O Feijãozinho Surdo**. Canoas - RS: Editora da Ulbra, 2009.

A figura 8 destaca pontos importantes para o aprendizado da Língua de Sinais e do português escrito, usando elementos visuais de forma clara e envolvente. Na cena, a Fada Feijão utiliza uma varinha mágica para ensinar a Língua de Sinais,

enquanto o Feijãozinho começa a sinalizar. Isso mostra como aprender Libras pode ser algo acessível e divertido, além de promover a inclusão.

O texto escrito na página se conecta com a escrita de sinais, ajudando os alunos a entenderem a relação entre as duas linguagens. Essa integração incentiva tanto a leitura quanto o aprendizado bilíngue. As cores vibrantes e as expressões dos personagens tornam a cena mais atraente para as crianças, deixando o aprendizado mais divertido e significativo.

Assim, de acordo com Pinto e Coelho, “os alunos surdos submetidos às regras de uma escola que fala apenas o Português desvalorizam os efeitos da diferença implicados pela língua, pela interação dos pares e pela cultura visual dos surdos” (2017, p. 74). Os autores salientam ainda que se os surdos nos dizem que seus pares são surdos, vê-se o fortíssimo sentimento de solidão vivenciado pelo surdo, quando expostos apenas a ambientes em que o Português falado é a única forma de comunicar, é uma forma de violência onde o ouvintismo prospera, onde o desconhecimento e há até a negação da Língua de Sinais e onde também existe uma forçada adaptação do aluno surdo aos diferentes contextos da sala de aula.

A escrita de sinais desempenha um papel fundamental que ultrapassa os limites da educação bilíngue, pois, sem uma modalidade de registro escrito, a língua de sinais permaneceria como uma língua ágrafa. Gesser (2009) aponta que, até recentemente, a língua de sinais era vista como uma língua desprovida de escrita. Complementando essa perspectiva, Pinto e Coelho (2017) ressaltam que as modalidades de escrita são essenciais para o registro e a valorização dos aspectos linguísticos e culturais das Comunidades Surdas.

Os autores destacam também que:

“[...] na ausência de um sistema de escrita adequado às línguas gestuais, se formula a questão da necessidade de tradução das línguas gestuais para uma língua vocal escrita, ou seja, os dados da história, da cultura surda, das narrativas surdas, bem como de todo um conjunto de marcas e referentes associados às Comunidades Surdas, terão de passar, obrigatoriamente, por um processo de tradução para uma língua que lhes é estranha (PINTO E COELHO, 2017, p. 76).

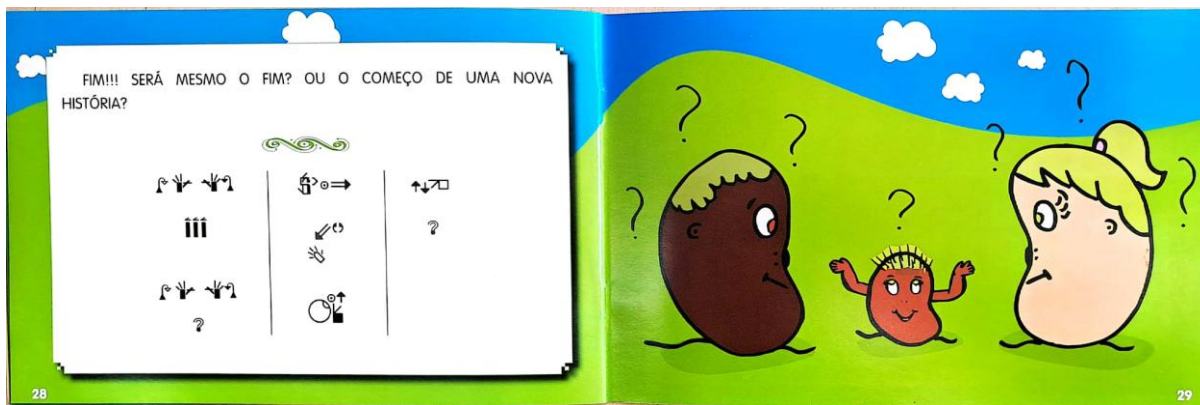
Dessa forma, conforme apontam os autores, ao refletirmos sobre uma escrita adequada à língua de sinais, estamos reconhecendo-a como um elemento que caracteriza e valoriza a Cultura Surda, direcionando nosso entendimento para a surdez como uma experiência visual.

Então, a escrita de sinais tem um impacto significativo na educação bilíngue. Ela promove a alfabetização em um sistema que é culturalmente relevante e linguisticamente acessível para pessoas surdas, servindo como uma ponte para o bilinguismo efetivo. A escrita de sinais também cumpre um papel político e social, ela mostra que as línguas de sinais são completas e legítimas, tão importantes quanto as línguas faladas.

3.2. Temáticas abordadas e sua relevância

A obra explora com profundidade temas como inclusão, bilinguismo e identidade surda, proporcionando importantes reflexões para o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças surdas. A narrativa utiliza personagens cativantes e uma abordagem lúdica para abordar como o aprendizado da Língua de Sinais é essencial para a construção da identidade e autonomia da criança surda. O Feijãozinho, ao aprender a sinalizar, descobre uma nova forma de se comunicar e interagir, reforçando o valor da inclusão e do respeito às diferenças.

Figura 11 - Desfecho que reforça a importância da educação bilíngue para a inclusão.



Fonte: **O Feijãozinho Surdo**. Canoas - RS: Editora da Ulbra, 2009.

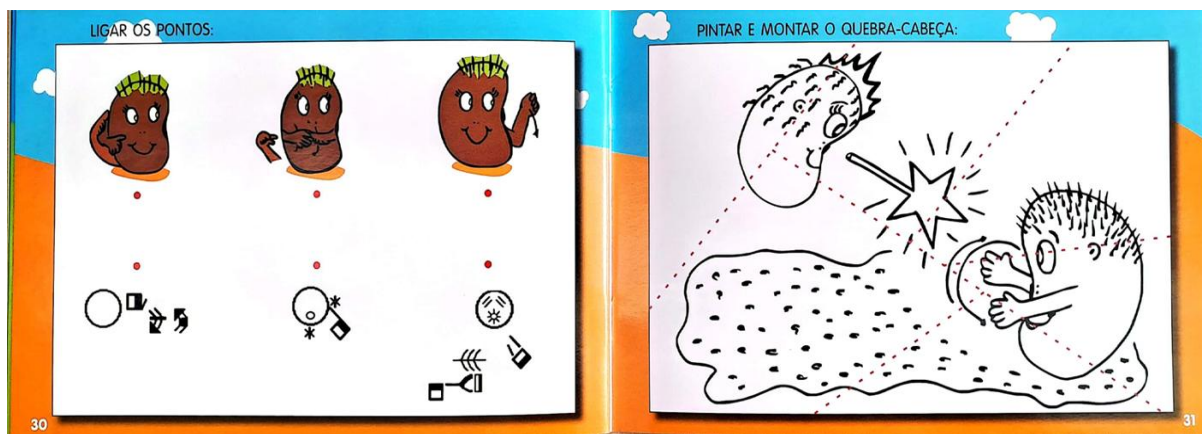
Na parte final do livro, como mostra a figura 9, a narrativa consolida a ideia de que a educação bilíngue é uma ferramenta indispensável para promover a inclusão efetiva. A obra apresenta um desfecho otimista, onde o Feijãozinho, agora empoderado pelo domínio da Língua de Sinais, se integra plenamente à sua comunidade e contribui ativamente para a valorização da cultura surda. Esse encaminhamento final nos orienta sobre a importância de criar ambientes escolares

inclusivos, onde a Língua de Sinais e o português escrito coexistam como práticas pedagógicas complementares.

Além disso, o livro destaca o papel da comunidade, incluindo professores, familiares e amigos, no fortalecimento da autoestima e no desenvolvimento das potencialidades das crianças surdas. Essa perspectiva ressalta que a inclusão não é apenas um direito, mas uma oportunidade para enriquecer a convivência social e construir uma sociedade mais equitativa. Assim, a obra nos deixa uma mensagem inspiradora: a educação bilíngue e inclusiva não é apenas um processo acadêmico, mas um caminho para formar cidadãos mais conscientes, respeitosos e participativos.

Nas últimas páginas do livro, encontram-se duas atividades lúdicas: uma de ligar os pontos e outra de montar um quebra-cabeça. Essas propostas estimulam a interação dos leitores com a obra, desenvolvendo habilidades cognitivas e motoras, além de reforçar o aprendizado de forma divertida e significativa, como mostra a figura a seguir:

Figura 14 - Atividades lúdicas que reforçam o aprendizado.



Fonte: **O Feijãozinho Surdo**. Canoas - RS: Editora da Ulbra, 2009.

A proposta da autora, evidenciada na figura 10, busca envolver as crianças de forma ativa no processo de aprendizagem por meio de atividades interativas. Uma delas consiste em ligar pontos para que as crianças conectem três ilustrações do Feijãozinho produzindo sinais com a respectiva escrita em SignWriting. Além disso, há uma página para pintar, que também pode ser transformada em um quebra-cabeça. Essas atividades permitem que o leitor criança não apenas exercite habilidades motoras e cognitivas, mas também tenha uma experiência lúdica e concreta com a escrita de sinais. A autora utiliza essas atividades para introduzir o

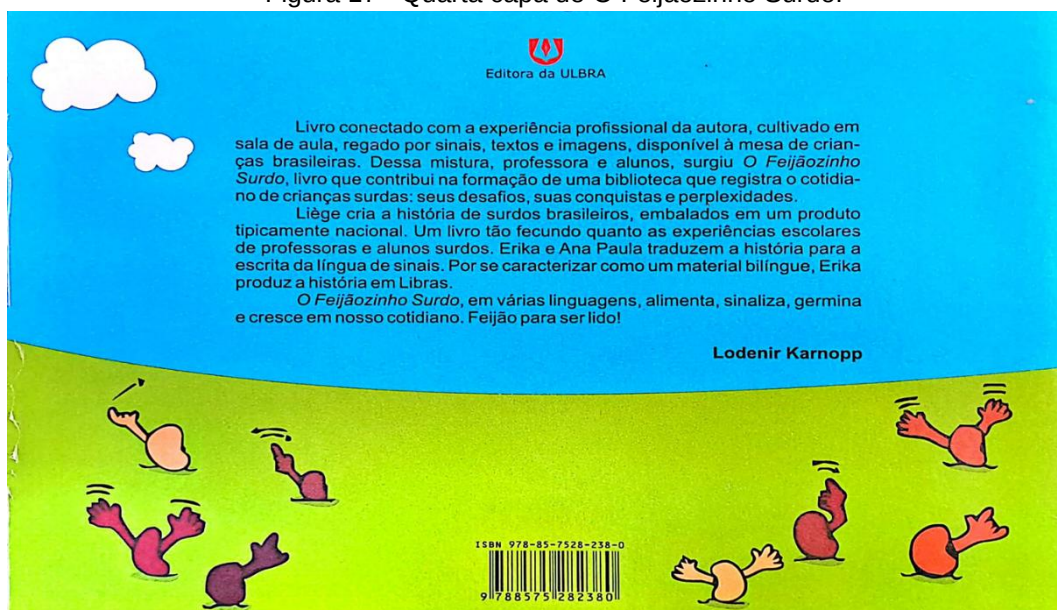
jovem leitor no universo da língua de sinais, promovendo uma aproximação prática e divertida com o conteúdo linguístico, o que facilita o engajamento e o entendimento.

Observar todos os elementos de uma obra literária, como a quarta capa, é essencial para compreender completamente o conteúdo e a proposta do autor. Muitas vezes, nos concentramos apenas no texto e nas ilustrações, mas a capa, a quarta capa, a contracapa e até a diagramação também têm um papel importante na forma como o livro é interpretado. A quarta capa, por exemplo, traz informações sobre a história, o autor ou comentários críticos, que ajudam a criar expectativas e curiosidade antes da leitura. Além disso, ela é uma extensão da identidade visual do livro, contribuindo para uma experiência mais completa.

Para educadores, perceber esses detalhes facilita uma análise mais profunda e ajuda a entender como diferentes elementos da obra interagem para transmitir um significado maior. Ao considerar todos os aspectos de um livro, podemos enriquecer a experiência de leitura e compreender melhor seu impacto. Cada parte da obra, desde o título até a diagramação, contribui para o todo e nos permite explorar as múltiplas camadas de significado que ela oferece.

Observar com atenção as diferentes partes de um livro infantil ilustrado é muito importante, pois cada detalhe como as ilustrações, o formato, a capa, a contracapa, o título e até as cores trazem significados que tornam a leitura mais rica e interessante. Segundo os autores Salisbury e Styles, “[...] em um livro ilustrado, onde os elementos visuais se unem para criar um significado, a disposição, a harmonia e a ênfase gráfica assumem extrema importância” (2012, p. 169). Esses livros vão além do texto, comunicando-se visualmente, o que contribui para enriquecer a experiência da leitura.

Figura 17 - Quarta capa de O Feijãozinho Surdo.



Fonte: **O Feijãozinho Surdo**. Canoas - RS: Editora da Ulbra, 2009.

A figura 11 mostra que a quarta capa do livro **O Feijãozinho Surdo** combina texto e imagem de forma integrada, apresentando uma reflexão de Lodenir Karnopp, renomada escritora e pesquisadora dos Estudos Surdos, que destaca a importância das múltiplas linguagens no fortalecimento da cultura surda. O texto de Lodenir Karnopp, destacado em um plano azul, metaforicamente associado a um céu ou um quadro escolar, oferece reflexões sobre a importância da escrita e da representação em Libras, consolidando o valor cultural e educativo da obra.

Abaixo do texto, a imagem dos feijões sinalizando no campo reforça a ideia de germinação e crescimento. Essa representação visual dialoga diretamente com a mensagem de Karnopp, simbolizando um futuro promissor quando as várias linguagens terão o mesmo destaque, como enfatizado pela autora: "[...] alimenta, sinaliza, germina e cresce em nosso cotidiano. Feijão para ser lido!" (KUCHENBECKER, 2009). A combinação do texto e das ilustrações cria uma conexão entre o imaginário infantil e a prática educativa, tornando a obra um recurso essencial para o letramento bilíngue e para a valorização da cultura surda.

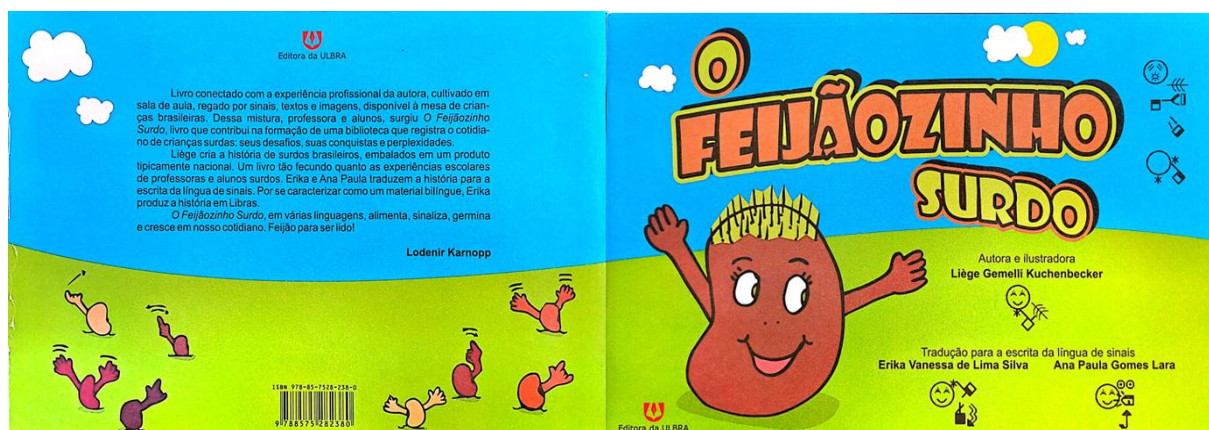
Os livros infantis ilustrados de hoje são mais diversos e inclusivos, refletindo as mudanças na sociedade, na educação e na cultura. Isso acontece porque vivemos em uma sociedade cada vez mais visual, na qual as imagens ganham um papel importante na forma como as crianças aprendem e se conectam com as histórias. Salisbury e Styles (2012) afirmam que a ilustração é geralmente vista como uma forma

de esclarecer e enriquecer o texto, utilizando representações visuais. Desse modo, os autores afirmam que:

O livro ilustrado atual é definido pelo uso de imagens sequenciais, geralmente em conjunto com um pequeno grupo de palavras, que transmitem o significado da narrativa. Em contraste com o livro ilustrado comum, onde as figuras apenas enriquecem, decoram e ampliam o significado do texto, no livro infantil ilustrado as imagens e as palavras possuem a mesma importância narrativa. Na maioria dos casos, o significado surge por intermédio da interação entre palavras e imagens, sendo que nenhuma delas faria sentido quando usadas separadamente (SALISBURY, STYLES, 2012, p. 7).

Observando a capa e a quarta capa abertas, podemos notar que elas se conectam de forma integrada, simbolizando a metáfora de um alimento tradicional brasileiro, o feijão, que é considerado um item básico e essencial, como mostra a figura 12 a seguir:

Figura 20 - Capa e quarta capa abertas de O Feijãozinho Surdo.



Fonte: **O Feijãozinho Surdo**. Canoas - RS: Editora da Ulbra, 2009.

No entanto, o feijão também representa a diversidade, pois existem diferentes tipos de feijão no Brasil, cada um refletindo culturas e identidades variadas.

Nesse sentido, Ramos (2011) afirma que:

Uma imagem, assim como um texto escrito, pode apresentar várias camadas de leituras, o que requer daquele que a examina um olhar atento e calmo, uma atenção que poderíamos chamar de flutuante, apta a captar além daquilo que é visto em um primeiro momento (RAMOS, 2011, p. 35).

Assim, no contexto dos livros ilustrados e de outras formas de comunicação visual, esse tipo de leitura mais fluida e aberta é fundamental, pois ela revela o potencial das imagens para contar histórias complexas, transmitir sentimentos e

refletir a diversidade de experiências humanas. Essa abordagem de leitura "flutuante" exige que o leitor se permita olhar além da superfície e explorar o que se encontra entre as linhas e as cores, percebendo a riqueza e a complexidade que o material visual oferece.

Assim, conforme Salisbury e Styles (2012), "os livros ilustrados são simultaneamente objetos de arte e a principal literatura na infância, oferecendo drama para os leitores, por meio da interação entre as narrativas visuais e verbais" (2013, p. 75). Os autores destacam a importância dos livros ilustrados na literatura infantil, apontando que a interação entre as imagens e o texto é essencial para enriquecer a experiência do leitor. Essa relação permite que as ilustrações complementem ou ampliem a história, trazendo mais significado e emoção à narrativa. Para as crianças, que ainda estão desenvolvendo suas habilidades de leitura, as imagens ajudam a entender melhor o enredo e estimulam a criatividade e a imaginação. Por isso, é importante escolher livros que, além de encantar, também eduquem, promovam reflexão e contribuam para o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças.

A integração cultural e identitária, simbolizada por meio de um alimento tradicional, nos mostra como o convívio de aprendizado mútuo entre a comunidade surda e a ouvinte é essencial, assim como a relação entre os diversos componentes de nossa variedade étnica, racial e social.

Ao considerarmos essas interações, podemos perceber que a construção de uma sociedade mais inclusiva não ocorre apenas por meio do reconhecimento das diferenças, mas também pelo respeito e valorização das múltiplas identidades que a compõem. A troca de experiências e saberes entre diferentes grupos culturais e linguísticos enriquece o processo educacional, promovendo o entendimento e a aceitação das diversidades que nos cercam.

Em última análise, o aprendizado mútuo se torna um pilar fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, na qual todos, independentemente de sua origem, etnia ou condição, possam compartilhar conhecimentos e vivências, celebrando a pluralidade, que é característica da nossa convivência social.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, buscamos compreender como a educação bilíngue pode ser um instrumento transformador para a comunidade surda, articulando práticas pedagógicas inclusivas a ações de leitura da literatura infantil. Partimos da inquietação sobre como promover a valorização da identidade e da cultura surda no ambiente escolar, considerando as especificidades linguísticas dessa comunidade.

Minha formação em Pedagogia Bilíngue e as experiências vivenciadas no IFG foram determinantes para moldar minha perspectiva. Os estágios, projetos de extensão, debates acadêmicos e o convívio com colegas surdos e ouvintes, além de professores surdos e ouvintes, me mostraram que a educação pode ser um espaço de transformação social. Trabalhar com a obra **O Feijãozinho Surdo** foi uma experiência reveladora, pois a língua de sinais, a literatura infantil e a ilustração se entrelaçam de maneira a proporcionar um aprendizado significativo e inclusivo. Cada página do livro e cada imagem apresentada mostraram o impacto da narrativa visual e bilíngue como ferramenta pedagógica.

Ao refletir de modo mais amplo sobre os conceitos de letramento literário e visual, compreendi que a leitura vai muito além de decifrar palavras. Ela é um ato de interação, de troca, de construção coletiva de sentidos. No caso da literatura surda, essa construção ganha camadas ainda mais profundas, pois dialoga com uma cultura visual, com uma vivência que muitas vezes é marginalizada em contextos educacionais majoritariamente ouvintistas. Foi gratificante observar como a escrita de sinais, o texto em português e as ilustrações de **O Feijãozinho Surdo** se complementam, criando uma experiência acessível a todos. Para Sutton-Spence, “a literatura produzida em Libras é uma forma linguística de celebrar a vida surda e a língua de sinais” (2021, p.26).

Essa perspectiva reforça a importância de dar visibilidade às produções literárias da comunidade surda, valorizando as narrativas que representam sua identidade. Por esse motivo, escolhi meu objeto de estudo, pois ele dialoga diretamente com essa visão, permitindo não apenas compreender, mas também promover a relevância da língua de sinais como expressão legítima e culturalmente significativa.

Durante a pesquisa, também não pude deixar de refletir sobre os desafios históricos e estruturais que ainda impedem a plena valorização da comunidade surda. Apesar dos avanços conquistados, há muito a ser feito para garantir que as escolas sejam, de fato, espaços bilíngues e inclusivos. É urgente que políticas públicas priorizem a formação de professores fluentes em Libras, a produção de materiais didáticos bilíngues de qualidade e o reconhecimento da língua de sinais como direito fundamental. Além disso, é necessário que a literatura surda tenha um lugar de destaque nas bibliotecas e salas de aula, não como um recurso esporádico, mas como parte integrante do currículo. Como bem observa Sutton-Spence “através do estudo da literatura em Libras se pode entender progressivamente a cultura e a identidade surdas, a essência do ser surdo e, assim, melhor a Libras” (SUTTON-SPENCE, 2021, p.29).

A análise da obra **O Feijãozinho Surdo** demonstrou como a literatura e o livro infantil ilustrado podem ser uma poderosa aliada na construção de identidades positivas e na valorização das múltiplas formas de comunicação, integrando a Língua Brasileira de Sinais, o português e a linguagem pictórica em uma narrativa que educa, sensibiliza e inspira. Conclui-se que a literatura surda, quando utilizada de forma planejada e contextualizada, pode transformar o ambiente escolar em um espaço de respeito às diferenças, de inclusão e de empoderamento. Além disso, é essencial que professores e instituições de ensino invistam em formação continuada, produção de materiais bilíngues e práticas pedagógicas que reconheçam e promovam a diversidade linguística e cultural. Como perspectivas futuras, sugere-se ampliar os estudos sobre literatura surda e sua aplicação em diferentes etapas e contextos educacionais, incentivando a produção de mais obras que contemplem a riqueza e a singularidade da cultura surda. Assim, será possível avançar na construção de uma educação que verdadeiramente acolha e valorize os sujeitos surdos.

De acordo com Sutton-Spence (2021), a literatura surda criada em Libras é raramente registrada de forma escrita, mas ainda assim constitui uma forma legítima de expressão literária. A autora destaca que a literatura possibilita o uso lúdico da língua para proporcionar prazer, seja no português ou na língua brasileira de sinais.

A utilização de múltiplas linguagens em práticas pedagógicas bilíngues pode ser uma estratégia eficaz para promover uma educação inclusiva e valorizar a cultura surda. No entanto, surgiram questões que podem direcionar futuras investigações:

como garantir a implementação eficaz da educação bilíngue em contextos regionais diversos? De que maneira formar professores bilíngues para atuar de maneira competente em práticas pedagógicas visuais? E como estimular a criação de mais obras literárias que representem a comunidade surda de maneira significativa, como *O Feijãozinho Surdo*? Além disso, é importante aprofundar o estudo sobre a escrita de sinais, considerando que muitas pessoas ainda desconhecem que a Língua de Sinais não é uma língua sem escrita, e que o SignWriting e a ELiS são ferramentas relevantes nesse contexto.

Este trabalho é um convite à reflexão sobre a importância de construir práticas pedagógicas que respeitem e celebrem a diversidade cultural e linguística nas escolas. Que este estudo inspire educadores e pesquisadores a promoverem uma educação que valorize todos.

Encerrando esta etapa, levo comigo a certeza de que a educação é um terreno fértil, no qual as sementes da inclusão, do respeito e da representatividade podem germinar. Que **O Feijãozinho Surdo** continue inspirando educadores, famílias e alunos a acreditar que o aprendizado é, acima de tudo, um ato de amor e de conexão.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices**. São Paulo: Scipione, 1989.
- AGUIAR, Thiago Cardoso; CHAIBUE, Karime. **Histórico das Escritas de Línguas de Sinais**. Centro Virtual de Cultura Surda. Revista Virtual de Cultura Surda, n. 15, mar. 2015
- ANDERSEN, Hans Christian. **O Patinho Feio**. In. **Contos de Andersen** – ilustrações de Matthieu Blanchin, tradução Virginia Kuster Puppi – São Paulo: Paulus, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- Brasil. Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021. Dispõe sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/l14191.htm>. Acesso em: [30/04/2024].
- BILÍNGUE, Câmpus Palhoça, 2025. **O Câmpus**. Disponível em: <https://www.ifsc.edu.br/web/campus-palhoca-bilingue/o-campus>. Acesso em 20 novembro 2024.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2.ed., 13ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2006.
- CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. São Paulo: Todavia, 2023.
- CARNEIRO, B. G. et al. Educação Bilíngue de Surdos no Tocantins: **Planejamento e Implementação**. Porto das Letras, v. 9, n. Especial, p. 329–350, 2023.
- DE SÁ, Nídia Regina. O discurso surdo: a escuta dos sinais. In: Skliar, C (Org.) **A Surdez, um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre RS, Mediação, 2013.
- DE SOUZA, Angelica Silva., DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago., & ALVES, Laís Hilário. (2021). **A PESQUISA BIBLIOGRÁFICA: PRINCÍPIOS E FUNDAMENTOS**. Cadernos da FUCAMP, 20(43). Disponível em <<https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336>>. Acesso em: 10/01/2025.
- GESSER, A. **LIBRAS? Que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- HILLUSKA; VIEIRA, DE F. S. LETRAMENTO LITERÁRIO - UM CAMINHO POSSÍVEL. **Revista da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras/UFGD. Arredia**, v. 4, p. 117–126, 2015.
- HEINZELMANN, Renata Ohlson - **Literatura surda no currículo das escolas de surdos**. São Paulo-SP: Pimenta Cultural, 2023.

KUCHENBECKER, Liège Gemelli, **O Feijãozinho Surdo**. Canoas - RS: Editora da Ulbra, 2009.

LEBEDEFF, Tatiana Bolivar (org.). **Letramento Visual e Surdez**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2017.

LEBEDEFF, Tatiana Bolivar. **O povo do olho**: uma discussão sobre experiência visual e surdez. In: LEBEDEFF, Tatiana Bolivar (org.). Rio de Janeiro: Wak Editora, 2017.

_____. "Aprendendo a ler 'com outros olhos': relatos de oficinas de letramento visual com professores surdos". *Cadernos de Educação | FaE/PPGE/UFPEL | Pelotas* [36]: 175 - 195, maio/agosto 2010

LERNER, D. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. São Paulo: Artmed, 2002.

MOURÃO, C. H. N. **Literatura Surda: produções culturais de surdos em língua de sinais**. 2011. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade em Educação - Universidade Federal do Grande Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/32311/000785443.pdf?...1.>>
Acesso em: 05 Abril 2024.

MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. **Adaptação e tradução em literatura surda: a produção cultural surda em língua de sinais**. IX ANPED Sul. Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 2012.

PINTO, Jorge; COELHO, Orquídea. O SignWriting enquanto proposta pedagógica assente na experiência visual do surdo. In: LEBEDEFF, Tatiana Bolivar.

LETRAMENTO VISUAL E SURDEZ. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2017. p. 68-94.

RAMOS, Graça. **A imagem nos livros infantis: caminhos para ler o texto visual**. 1ed.;2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

ROSA, Fabiano Souto. **Literatura Surda: criação e produção de imagens e textos**. Educação Temática Digital, Campinas, v,7, n 2, p. 58-64, jun. 2006.

ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir. **Patinho Surdo**. 2ª. Edição. Canoas: Ed. ULBRA, 2011.

SALISBURY, Martin; STYLES, Morag. **Livro infantil ilustrado: a arte da narrativa visual**. Tradução: Marcos Capano. 1ª ed. São Paulo: Rosari, 2012.

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de imagens**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

SOARES, Magda. **Alfabetizar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Editora Contexto, 2020.

SOARES, Magda. **As muitas facetas da alfabetização**. Caderno de Pesquisa, São Paulo (52):19-24, fev. 1985.

SOARES, Magda. 27 **Letramento: um tema em três gêneros** / Magda Soares. - 3. ed. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. 128p.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

SCHLEMPER, M. D. DA S. **A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL EM LIBRAS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL**. REVISTA VIRTUAL DE CULTURA SURDA, n. 20, 2017.

STUMPF, Marianne. **Aquisição da escrita de língua de sinais**. Letras de Hoje, [S. l.], v. 36, n. 3, 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/14589>. Acesso em: 25 out. 2024.

SUTTON-SPENCE, R. **Literatura em Libras**. Petrópolis - RJ: Arara Azul, 2021.

SKLIAR, Carlos. (ORG). **Educação & Exclusão. Abordagens socio-antropológicas em educação especial**. Porto Alegre: Editora Mediação, 1997.

TAVEIRA, Cristiane Correia; ROSADO, Luiz Alexandre da Silva. O letramento visual como chave de leitura das práticas pedagógicas e da produção de artefatos no campo da surdez . In: LEBEDEFF, Tatiana Bolivar. **LETRAMENTO VISUAL E SURDEZ**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2017. p. 17-47.